

Fonte:

AZEVEDO, Artur. Teatro de Artur Azevedo - Tomo 1. Instituto Nacional de Artes Cênicas - INACEN. V. 7: Coleção Clássicos do teatro Brasileiro.

Texto proveniente de:

A Biblioteca Virtual do Estudante Brasileiro <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>

A Escola do Futuro da Universidade de São Paulo

Permitido o uso apenas para fins educacionais.

Texto-base digitalizado pelo voluntário:

Sérgio Luiz Simonato – Campinas/SP

Este material pode ser redistribuído livremente, desde que não seja alterado, e que as informações acima sejam mantidas. Para mais informações, escreva para <bibvirt@futuro.usp.br>.

Estamos em busca de patrocinadores e voluntários para nos ajudar a manter este projeto. Se você quer ajudar de alguma forma, mande um e-mail para <bibvirt@futuro.usp.br> e saiba como isso é possível.

A Casadinha de Fresco **Artur Azevedo**

Imitação da ópera-cômica

LA PETITE MARIÉE

DE

EUGÊNIO LATERRIER E ALBERTO VANLOO

MÚSICA DE CARLOS LECOCQ

Ópera cômica em três atos

*Representada pela primeira vez no Rio de Janeiro, no Teatro Fênix
Dramática em 19 de agosto de 1876, e em São Paulo, no Teatro de São José
em 5 de outubro do mesmo ano.*

PERSONAGENS

O Capitão General
Manuel de Souza
O Morgado de São Gabriel
Teobaldo
Bento
Um Mudo
Um Alfaiate
Um Viajante
Outro
Um Soldado
Outro
Carlos
Gabriela
Gertrudes
Beatriz
Uma Costureira

Viajantes, peões, camaradas, estancieiros, oficiais de lanceiros, soldados, criados, povo, etc.

A cena passa-se, o primeiro ato em Viamão e o segundo em Porto Alegre, província do Rio Grande do Sul. Tempos coloniais.

ATO PRIMEIRO

Pátio de uma estalagem. Portão ao fundo. Portas aos lados.

Cena I

Bento, Beatriz, viajantes, estancieiros, camaradas, depois peões. (*Os viajantes comem e bebem, sentados defrontes de pequenas mesas. Bento e Beatriz andam azafamados de um lado para o outro, servindo-os.*)

Introdução

CORO — Mais presteza!
Ligeireza!
É petiscar e partir!
A carreta com certeza
sem demora vai sair.

UM ESTANCIEIRO — Olá senhor!

OUTRO — Olá senhora!

OUTRO — É despachar!

BENTO — Não val'zangar:
inda tendes muita demora.

BEATRIZ — Podeis com vagar
mastigar

BENTO (*A um viajante.*) — Provai desta botelha.

BEATRIZ (*A outro.*) — Que belo pastelão!

BENTO (*A outro.*) — Eis uma pinga velha!

BEATRIZ (*A outro.*) — Não quer que o sirva, não?

CORO — Mais presteza! etc.
(*Ouve-se o rodar de um carro, e o barulho dos guizos dos animais.*)

UM VIAJANTE — Atenção, rapaziada!
Os guizos ouvi!

CORO — Os guizos ouvi
da tal carreta abençoada.
(*Entrada ruidosa de oito peões.*)

CORO DE PEÕES — Hop! Hop! Hop!
Bonitos peões,
lampeiros, ligeiros,
ligeiros, lampeiros...

Hop! Hop! Hop!
vos dizem: Patrões,
é já seguir
sem tugar
nem mugir.

Eis os peões
ligeiros, lampeiros!

(Aprontam-se todos para seguir viagem.)

BENTO — Escutai! Um costumezinho,
ao qual convém vos conformar,
a Beatriz, neste instantinho,
vai, a cantar, vos explicar...
CORO — Pois venha lá mais essa!
BENTO — Beatriz, escarra e começa.

Canção

I

BEATRIZ — Há muito já, fregueses meus,
abriu-se a nossa hospedaria;
tem sido um — louvar a Deus —
lá no que toca à freguesia;
mas a razão plausível é:
desde que abriu-se esta casita
a estalajadeira é bonita
e o vinho é velho como a Sé.
O vinho é bom! Mais um almude!
Convém os copos esgotar!
Da estalajadeira a saúde
bebei! bebei! É de virar!

TODOS — O vinho é bom, etc.

II

BEATRIZ — Ah! Portugal! Quem negará
que o deus das vinhas o protege?
A sua uva é um maná!
deixai-lhe que o mundo lha inveje.

UMA VOZ

— Olá!

(Aparece à esquerda a Costureira, também com um embrulho.)

CARLOS — Psiu! etc.

(Mesmo jogo de cena que com o Alfaiate. Carlos, depois de ter feito entrar a Costureira para a esquerda, dirige-se para o fundo, inquieto, sempre como se esperasse ainda alguém, e sai. Cessa a música.)

Cena III

Bento, Beatriz, depois Carlos

(Bento e Beatriz, que reapareceram à porta, acompanharam todo o jogo de cena.)

BEATRIZ - Titio?

BENTO - Minha sobrinha?

BEATRIZ - Vossa Mercê viu?

BENTO - Tu reparaste?

BEATRIZ - O que quer isto dizer?

BENTO - Sei cá! este estrangeiro, que aqui chegou há oito dias, em companhia de um velhote e de sua filha, não me inspira lá muita confiança.

BEATRIZ - No entanto o velhote tem cara de boa pessoa e a menina é bem simpática.

BENTO - Sim, não duvido; mas o moço tem assim uns modos...

BEATRIZ - Tem uns modos assim... É um foguete; não pára! Preocupado, sombrio! Além disso, titio, dos viajantes moços que tem aqui pousado, é o único que ainda não me deu sequer um beijo...

BENTO - Como é lá isso? Pois ele não te beijou ainda?

BEATRIZ *(Suspirando.)* - Não, titio! E creio que se irá embora sem cumprir essa formalidade!

BENTO - Oh! Oh! Um homem que não beija a sobrinha do estalajadeiro! A coisa é mais séria do que eu supunha! Se fossem conjurados?!

BEATRIZ - O moço é estrangeiro: não deve conjurar.

BENTO - Quem nos diz a nós que não é tão brasileiro como tu? Estes conjurados de tudo se lembram! Uma conjuração em minha casa! Não me faltava mais nada!

BEATRIZ - O Senhor Capitão-general dizem que não é para graças!

BENTO - Estou perdido! O desembargo do paço manda-me enforcar como toda a certeza!

BEATRIZ - É preciso sabermos ao certo que gente é esta!

BENTO - Tens razão... tens razão...

BEATRIZ - Mas como há de ser?

BENTO - Muito simplesmente; vendo e ouvindo. Olha, vai espiar aquela porta e eu esta. (*Vai espreitar à direita; a sobrinha faz o mesmo à esquerda.*)

CARLOS (*Entrando.*) - E o meu amigo, nada de aparecer! Queira Deus que não me deixe a ver navios! (*Vendo Bento e Beatriz.*) Hein? O que é aquilo? (*Aproxima-se de Bento e dá-lhe um pontapé.*) Ah! patife!

BENTO (*Gritando.*) Ai!

BEATRIZ (*Voltando-se.*) - Viu alguma coisa, titio?...

BENTO (*Esfregando a parte ofendida.*) - Não! Isto é , vi estrelas.

CARLOS (*Agarrando-o pela orelha*) - O que fazia você ali? Musque-se!

BENTO (*Tremendo.*) - Sim, meu fidalgo. Anda daí Beatriz!

BEATRIZ - Vamos, titio!

BENTO - Aqui anda maroteira, e grande maroteira! (*Saem Bento e Beatriz.*)

Cena IV

Carlos, só

[CARLOS] - É isto! ando cercado de espões. De um momento para outro tudo se descobrirá, e então... Começo a arrepender-me de haver dado esse passo! É o diabo! Quem me mandou sair de Lisboa? (*O Alfaiate e a Costureira entram. Música.*) Ah! finalmente deram conta do recado... (*Dá-lhes dinheiro. O Alfaiate e a Costureira saem.*)

Cena V

Carlos, depois Gabriela

CARLOS - Ninguém os viu entrar nem sair... Muito bem! (*Ao público.*) Se eu disser que estes dois indivíduos, que assim envolvo no mais tenebroso mistério, são simplesmente... Qual! Ninguém acredita! São simplesmente um alfaiate e uma costureira que trazem a roupa de noivado de meu futuro sogro e de minha futura mulher... (*Com terror.*) Ó céus! falei tão alto! Creio que ninguém me ouviu! (*Olhando em volta de si.*) Não... Ninguém... Respiro! (*A porta de Gabriela abre-se lentamente.*) Vem alguém! Calma, sangue frio!

GABRIELA (*Entrando.*) - Aqui estou, meu queridinho!

CARLOS (*À parte.*) - Gabriela! E como vem vestida!

Dueto

GABRIELA — Eis-me afinal, ó meu marido!
CARLOS (*À parte.*) — Ó céus! já seu marido...
GABRIELA — Querido amor!
CARLOS — Anjo querido!
GABRIELA — Vem para mais perto de mi...
CARLOS — De ti?
GABRIELA — De mi...
CARLOS (*Aproximando-se, receoso.*) — Eis-me aqui.

Coplas

I

GABRIELA — Venho mostrar-me ao noivo meu,
quase a chegar o f'liz momento,
a ver se sou do agrado seu,
vestida já pro casamento.
Saber do meu futuro quis
se este vestido é do seu gosto,
e se achas a cor destes rubis
d'acordo coa cor do meu rosto.
É mui suspeita a opinião
daquele que por mim palpita;
mas diga lá, por compaixão,
se a noivazinha está bonita.

II

— Mas, oh! meu Deus! que quer dizer
este ar assim tão inquieto?
Pois não lhe dá nenhum prazer
coroadado ver nosso afeto?
Acaso ao gosto seu não 'stou?
Repare bem... não viu direito...
Do mesmo parecer não sou,
pois o vestido está bem feito.
Aflito esteja, meu senhor;
mas se não quer me ver aflita,
diga-me lá, faça o favor,

se a noivazinha está bonita.
(*Carlos volta a cabeça; Gabriela afasta-se despeitada.*)

CARLOS — Amor, então, já me não tem?
— Juro fazer quanto em mim caiba
para que sejas feliz porém,
convém, amor, que ninguém saiba...

GABRIELA — Como ninguém?...

CARLOS — — Ninguém! Ninguém!

Eu te falo sério...
Não duvides, não!
Lá no coração
guardemos o mistério
deste ardente amor...
Ninguém seja sabedor
deste amor...

GABRIELA — Só posso então dizer que te amo...

CARLOS — Bem devagar.

GABRIELA — Bem devagar?

Pois assim seja: eu não reclamo.

CARLOS (*À meia voz.*) — Eu te amo!

GABRIELA (*No mesmo.*) — Eu te amo

JUNTOS — Eu te falo! }

} sério

Tu me falas }

Não duvides }

} não

Não duvido }

Lá no coração, etc.

GABRIELA - Mas por que todo este mistério? Quem se casa corre perigo?

CARLOS - O casamento é um perigo para os homens em geral, e para mim em particular... Oh!

GABRIELA - O que receias tu? Não gozas de tanta influência? Não é o privado do Capitão-general?

CARLOS - O Capitão-general! Oh! não pronuncieis esse nome, Gabriela! Se ele soubesse...

GABRIELA - O quê?

CARLOS - Não me perguntes mais nada! Amas-me, não é assim? Casemo-nos.

GABRIELA - Decerto! Isso é coisa resolvida! (*Ouve-se rumor de fora.*) Jesus! Aí vem papai! Ele é que não está nada satisfeito com estas reservas!

CARLOS - É teu pai? Aí vem ele deitar a casa abaixo! E todo mundo vai ouvi-lo!

Cena VI

Os mesmos e Castelo Branco

CASTELO BRANCO (*Entrando de muito mau humor.*) Palavra d'honra! Isto não se comenta! (*Vendo Carlos.*) Ah! é Vossa Mercê, Monsiu? Quisera vê-lo no inferno, e ao seu casamento absurdo!

CARLOS - Então! tenha calma, senhor meu sogro.

GABRIELA - O que é papai? o que é?

CASTELO BRANCO - O que é? O que é? Não é nada! (*Com toda a calma.*) Ah! falta-me um botão. (*Zangado.*) Quando digo que tudo me chega!

GABRIELA - É só isso? Descanse: hei de pregá-lo, papai.

CASTELO BRANCO - Pois bem, pois bem. Mas não me posso conter! Quero desabafar! por que cargas d'alhos, eu, Antonio Pedro Salema Coutinho Castelo Branco, morgado de São Gabriel e podre de rico, consenti no casamento de minha filha com Vossa mercê, que não é meu compatriota, nem tem, nem pode ter posição oficial definida?

GABRIELA - Eu sempre gostei muito do Senhor Carlos, papai.

CASTELO BRANCO - Não é um motivo plausível!

GABRIELA - Pois não é?

CASTELO BRANCO - O motivo foi outro. Já lhes disse que sou podre de rico, e, por conseqüência, proprietário de muitas propriedades. Uma dessas propriedades, e justamente aquela que ligo mais apreço, de tal modo está situada, que tira a vista do rio ao palácio do Capitão-general. Muitas vezes chegou a dizer-me o Capitão-general: "Morgado de São Gabriel, você não quer vender-me o cochicholo." recusei sempre ceder-lhe o cochicholo. Então, vai um belo dia e diz-me o Capitão-general: "Morgado de São Gabriel, você não quer vender-me o cochicholo? hei de possuí-lo sem gastar um real. Vou mandar arbitrá-lo pela municipalidade, e babau!"

CARLOS - Mas não sei que relação possa haver...

CASTELO BRANCO - Espere! Um dia pareceu-me que a rapariga tinha certa inclinação por Vossa mercê.

GABRIELA - Oh! muita, muita, muita, papai!

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga. Inclino-me a crer que, de seu lado, Vossa Mercê tinha também certa inclinação pela rapariga. Iam

ambos por um plano inclinado! Vai uma vez, convidei-o para jantar. No dia seguinte Vossa mercê apresentou-se, também para jantar, mas desta vez sem ser convidado. Assim aconteceu durante um mês inteiro. Vocês iam numa desfilada...

GABRIELA - Numa grande desfilada!

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga. O mal estava feito. O que não tem remédio...

CARLOS - Mas a que conclusão deseja chegar o senhor meu sogro?

CASTELO BRANCO - A que conclusão? pois Vossa Mercê não compreendeu o meu plano? Eu dissera com os meus botões: o Carlos é privado do Capitão-general: se lhe dou a rapariga, eis-me sogro do privado; excelente meio de não ser privado de minha propriedade.

GABRIELA (*Curiosa.*) - Como assim? Pois o papai casa-me para segurança de sua propriedade?

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga! Infelizmente o resultado foi nulo, pois o *Monsiú* declarou ser preciso que o casamento se efetue clandestinamente!

GABRIELA - Mas, papai, eu já lhe disse que tanto me faz clandestinamente como às claras.

CASTELO BRANCO - A ti, tanto faz assim como assado; mas a mim? O que lucro eu com semelhante casamento? serei o sogro do privado, é certo; mas de que serve tudo isso, se hei de ser um sogro anônimo?

CARLOS - Enfim, onde quer chegar?

CASTELO BRANCO - Quero desabafar, eis o que eu quero! Vamos, não percamos mais tempo! Toca para a matriz! Acabemos com isto, acabemos com isto!

GABRIELA - Sim, sim, eu acho bom!

CARLOS - Um momento: estou à espera de...

CASTELO BRANCO - De quem?

CARLOS - Precisamos de dois padrinhos... Um deles já está lá dentro... É um mudo!

CASTELO BRANCO - Um mudo!

CARLOS - Tenho certeza de que não há de dar com a língua nos dentes. Infelizmente não pude arranjar dois mudos. Escrevi a um amigo íntimo e seguro. Já devia aqui estar.

CASTELO BRANCO - Se convidarmos o dono da estalagem?

GABRIELA - É verdade; dir-lhe-emos que meta esse serviço na conta.

CARLOS - Deus me defenda! Um homem curiosíssimo que anda a espreitar às portas! Iria apregoar por toda a parte meu casamento! Nunca! Nunca!...

CASTELO BRANCO - Portanto...

GABRIELA - Se o tal amigo tardar?

CARLOS - Esperaremos.

CASTELO BRANCO (*De mau humor.*) - Oh! mas isto é demais, senhor *Monsiú!* Isto é demais!

CARLOS - Senhor Morgado de São Gabriel!

CASTELO BRANCO - Há oito dias que Vossa Mercê parece estar a caçoar comigo e com a rapariga. É demais!

GABRIELA - Papai!

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga! (*A Carlos.*) Convidamos o estalajadeiro?

CARLOS - Não! não e não!

CASTELO BRANCO - Tome sentido *Monsiú!*: eu posso desmanchar a igreja!

CARLOS (*Encolhendo os ombros.*) - Pois desmanche: é o mesmo.

GABRIELA - Hein! Pois é o mesmo?

CASTELO BRANCO - Mas devo observar-lhe que se não devia meter de gorra em minha casa!

CARLOS - Diga antes que me armou uma ratoeira!

CASTELO BRANCO - Por que razão vinha jantar comigo?

CARLOS - Se não fosse convidado...

CASTELO BRANCO - Por que aceitava os meus convites?

CARLOS - Que culpa tenho de que sua filha me pespegasse como um cáustico?

GABRIELA (*Furiosa.*) - Um cáustico, papai, um cáustico!...

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga! (*A Carlos.*) Estava em suas mãos desviá-la.

GABRIELA - A culpa foi sua.

CARLOS - Minha!

Terceto

CARLOS	— Tão amável não fosse a senhora...
GABRIELA	— Não me houvesse jurado afeição...
CASTELO BRANCO	— Meu genro não seria agora, se não gabasse tanto a sua posição!
CARLOS	— ... de certo a não teria amado!
GABRIELA	— ... não me teria apaixonado!
CASTELO BRANCO	— Eu não havia de lembrar de o convidar para jantar!

GABRIELA — Mas o senhor é tão galante...
CARLOS — Mas a senhora é tão chibante...
CASTELO BRANCO — Tal posição!
GABRIELA — Ai! que ilusão!

Juntos

CASTELO BRANCO GABRIELA E CARLOS

— Estou despeitado!
Que sogro eu sou!
‘Stá tudo acabado...
Tudo entre nós acabou!

— Fui de seu agrado
e já não sou!
‘Stá tudo acabado...
Tudo entre nós acabou!

CARLOS — Oh! Felizmente inda podemos
sanar o mal que feito está!
GABRIELA — O dito por não dito demos!
A mim bem pouco se me dá!
CASTELO BRANCO — Tudo entre nós acabará!
CARLOS — Pois não, senhor morgado! É já!
CASTELO BRANCO — Isto é, se for do seu agrado...
CARLOS — Senhor, não vai ficar zangado...
CASTELO BRANCO — Tudo acabou!
GABRIELA e CARLOS — Tudo acabou!
CASTELO BRANCO — Já despir este fato vou!
GABRIELA e CARLOS — Tudo acabou!
CASTELO BRANCO — Meu genro, tudo acabou!

(Silêncio. Cada um toma direção diversa.)

GABRIELA — Adeus, senhor!
CARLOS — Adeus, minha senhora!
GABRIELA *(Parando à porta, à parte.)* — Porém...
CARLOS *(Mesmo jogo de cena, no fundo.)* — Porém...
JUNTOS — Meu Deus! quero-lhe bem!
Quem o negará? Ninguém! Ninguém!
CARLOS *(Voltando.)* — De novo o coração se humilha...
GABRIELA — De novo o meu também se humilha...
CASTELO BRANCO — Então, minha filha?
CARLOS — Meu anjo!
GABRIELA — Meu amor!
CASTELO BRANCO — Voltam ao velho estado?
GABRIELA — Meu amor!

CARLOS — Meu anjo!
JUNTOS — ‘Stá tudo arranjado.
CASTELO BRANCO — Nada acabou?
CARLOS e GABRIELA — Nada acabou!
CASTELO BRANCO — Oh! já não está cá quem falou!
CARLOS e GABRIELA — Nada acabou!
CASTELO BRANCO — Meu genro, nada acabou!

JUNTOS

CASTELO BRANCO	GABRIELA E CARLOS
— Não estou despeitado!	— Fui de seu agrado
Que sogro eu sou!	E ainda sou!
Nada está acabado...	Nada está acabado...
Nada entre nós acabou!	Nada ente nós acabou!

CASTELO BRANCO (*Rosnando sempre.*) - Está bem, está bem; fique de parte o estalajadeiro. Esperaremos...

GABRIELA - Vê se arranja isso depressa.

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga! Vamos. Até logo, senhor meu genro.

CARLOS - Fale mais baixo...

CASTELO BRANCO (*Baixinho.*) - Até logo, senhor meu genro. (*Vai saindo com Gabriela.*)

CARLOS (*Idem.*) - Até logo, senhor meu sogro.

GABRIELA (*Voltando, baixinho.*) - Veja se arranja isso depressa. (*Sai.*)

Cena VII

Carlos, Bento e Beatriz

CARLOS - E o outro padrinho que não aparece? Haveria algum transtorno?

BENTO (*Que entra pelos fundos com Beatriz, baixinho.*) - Olha, ele fala sozinho... Oh! estes estrangeiros!

BEATRIZ - Estes conjurados!

CARLOS (*Vendo-os.*) - Ainda vocês! o que há?...

BENTO - Não vos zangueis! Vínhamos prevenir-vos...

BEATRIZ - Que vieram agora mesmo...

BENTO - Neste instante...

BEATRIZ - Não há cinco minutos...

BENTO - Qual cinco minutos...

CARLOS - Então? Então?

BEATRIZ - Trazer esta cartinha...

CARLOS - Está bem! Dê cá!

BENTO (*A Beatriz.*) Vai tu, vai levar-lhe. Eu sou capaz de apanhar outro pontapé, e tu não!

BEATRIZ (*Aproximando-se com precaução.*) Aqui tem... (*Dá-lhe a carta e retira-se vivamente.*)

BENTO (*Levando-a*) - Anda daí... Credo! Um conjurado.

CARLOS (*Que abriu e leu a carta.*) - Oh! Sapristi! Isto só a mim acontece! O padrinho não pode vir: estou reduzido ao mudo. Todavia é preciso outro... Hei de arranjar-lo por força.

Cena VIII

Carlos e Manuel de Souza

MANUEL DE SOUZA (*Fora.*) - Estou muito apressado! Façam com que meu cavalo coma a galope! Não me posso demorar! (*Entra.*)

CARLOS - Um estancieiro!...

MANUEL DE SOUZA - Três dias de atraso! Gertrudes deve estar furiosa!

CARLOS (*Observando.*) - Esta cara não me é estranha!

MANUEL DE SOUZA (*No mesmo.*) - Não me engano! É ele...

CARLOS (*Dirigindo-se a ele.*) - Não é por ventura o Senhor Manuel de Souza?

MANUEL DE SOUZA - Não é ao *Monsiú* Carlos que tenho a honra de...

CARLOS - Exatamente. Foi pelo ano passado...

MANUEL DE SOUZA - Tomávamos banhos no rio... em Porto Alegre.

CARLOS - Eu nadava como um peixe...

MANUEL DE SOUZA - Eu nadava como uma pedra...

CARLOS - Tu andavas em uma barquinha..

MANUEL DE SOUZA - De repente a barquinha virou-se, e bumba...

CARLOS - Ias morrer afogado, quando agarrei-te pelos cabelos e trouxe-te à tona d'água.

MANUEL DE SOUZA - Eu estava salvo! Devo-te a vida, meu bom Carlos.

CARLOS - Ora este Manuel de Souza! (*À parte.*) Tenho padrinho (*Alto.*) Não fazes idéia do prazer que me causa a tua presença! Tu vais bem, não vais?

MANUEL DE SOUZA - Menos mal... Isto é, eu casei-me...

CARLOS - Casaste-te? pois, aqui onde me vês, vou fazer outro tanto!

MANUEL DE SOUZA - Oh! diabo!

CARLOS - E mesmo a esse respeito, preciso muito de ti, é indispensável que me prestes um serviçozinho.

MANUEL DE SOUZA - Tenho a observar-te que estou com muito pressa.

CARLOS - Apenas uma hora.

MANUEL DE SOUZA - Uma hora! Sinto muito não te poder ser útil, meu caro, mas minha mulher está à minha espera.

CARLOS - Ela que espere mais uma hora. Que inconveniente há nisso?

MANUEL DE SOUZA - Que inconveniente? Ah! bem se vê que não sabes quem é Gertrudes! Que mulher, meu amigo! ela me tem um amor, mas que amor tão veemente que, não me lembra sob que pretexto, fui obrigado a ausentar-me de casa. Devia estar de volta no fim de quinze dias, e há dezoito que saí de casa. Faz tu idéia da recepção que me aguarda! Além de tudo, Gertrudes tem um péssimo costume.

CARLOS - Qual é?

MANUEL DE SOUZA - Como gosta muito de montar a cavalo, tem sempre uma chibatinha na mão... e quando zanga-se comigo... zás...

CARLOS - E tu consentes nisso?

MANUEL DE SOUZA - Que queres tu? Ela tem-me um amor!

CARLOS - E tu temes a chibatinha! Pois bem: uma vez que já estás habituado a semelhante sistema, algumas carícias de mais ou de menos, para servires um amigo que te salvou a vida...

MANUEL DE SOUZA - Mas...

CARLOS - É absolutamente preciso que me sirvas de padrinho.

MANUEL DE SOUZA - De padrinho! Pois ainda não estás batizado?

CARLOS - Padrinho de casamento...

MANUEL DE SOUZA - Pois é para isso? Por que não agarras tu outro sujeito, que tenha menos pressa?

CARLOS - Porque o meu casamento deve ser ignorado por todos... Já arranjei um mudo. Preciso de outro... Manuel de Souza, esse outro mudo hás de ser tu.

MANUEL DE SOUZA - Mas por quê?

CARLOS - Por quê... queres tu saber?

MANUEL DE SOUZA - Sim... não! tenho muita pressa.

CARLOS - Pois bem! Escuta... e treme!

MANUEL DE SOUZA (*À parte.*) - Diabo! uma história... Quanto mais pressa, mais vagar...

CARLOS - Como muito bem sabes, Manuel de Souza, eu sou há muito tempo, o amigo... o privado do Capitão-general. Vim com ele de Lisboa, e até hoje tenho-me conservado sempre ao seu lado. Hoje esse tirano está viúvo, mas, antes disso, era casado...

MANUEL DE SOUZA - Ah! (*Lembrando-se.*) Naturalmente, pois se é viúvo...

CARLOS - Muito bem! A mulher do Capitão-general, uma italiana de temperamento de fogo, de sangue cáldo, de alma ardente e vulcânica...

MANUEL DE SOUZA - Como Gertrudes...

CARLOS - Era admiravelmente formosa... eu andava pelo beicinho...

MANUEL DE SOUZA - Como eu...

CARLOS - Era inevitável o escândalo... Um belo dia, ou antes um mau dia, o Capitão-general surpreendeu-nos em um colóquio que...

MANUEL DE SOUZA - Não deites mais na carta...

CARLOS - Em meu lugar, outro qualquer abriria a janela, e deixar-se-ia escorregar pela goteira. Eu fui sublime! Fiquei! Coloquei-me entre a mulher e o marido ultrajado, e exclamei: “Perdoai-lhe, senhor! É de sangue que precisais! Aqui tendes o meu! É vosso!”

MANUEL DE SOUZA - Foste muito nobre, mas um tanto estúpido...

CARLOS - “Um escândalo, respondeu ele, para dar lugar a que, ainda em cima, zombem de mim! Não! Minha vingança há de ser mais calma. Tranqüiliza-te. Tu és o meu privado; continua a sê-lo, sê-lo-ás para todo o sempre!”

MANUEL DE SOUZA - Ora ali está um homem comedido!

CARLOS - Ouve o resto. “Era teu amigo; de hoje em diante o serei mais que nunca, porém...”

MANUEL DE SOUZA - Ah! temos um porém...

CARLOS - “Algum dia te hás de casar... Emprazo-te para lá... Nesse dia, meu amigo, ajustaremos contas, e então, dente por dente, olho por olho. Fizestes das tuas, eu farei das minhas. Entendeste?” “Sim”. “Muito bem! Vai amanhã jantar comigo. Seremos os mesmos um para o outro”. — Como de fato, desde esse momento, nem mais uma palavra a respeito... “Diante do mundo, o sorriso das salas; no fundo, o ódio e a vingança!”

MANUEL DE SOUZA - Tudo isso que me acabas de contar é muito interessante; mas... Adeus. meu amigo, estou com muita pressa.

CARLOS (*Detendo-o.*) - Bem sei o que me queres dizer: nesta situação restava-me tomar um partido muito simples: não casar-me nunca..

MANUEL DE SOUZA - É verdade!

CARLOS - Disso lembrei-me eu... Estava resolvido a ficar solteiro toda a minha vida, ou toda a vida do Capitão-general, se fechasse o olho primeiro que eu... Infelizmente, porém, o homem é um ser incompleto, que, por ser incompleto, cedo ou tarde sente a necessidade de completar-se.

MANUEL DE SOUZA - E é hoje que te completas?

CARLOS- Como vês. O meu casamento deve ser efetuado no mais profundo segredo. Para mais segurança fiz com que alguns médicos de Porto Alegre me recomendassem os ares do campo a um reumatismo que não tenho. Desde que aqui estou, tenho escrito ao Capitão-general, dizendo-lhe que vou cada vez pior, a fim de que ele não desconfie de minha prolongada estada em Viamão. Ontem mesmo (vê tu que excesso e precaução!) mandei-lhe dizer que estava quase a bater a bota. Tal é, Manuel de Souza, a narração exata e dolorosa que tinha a fazer. Convirás que é absolutamente preciso que me sirvas de padrinho. Ficas, não é assim?

MANUEL DE SOUZA - Homem... é que... Como já tive ocasião de dizer-te, Gertrudes... Gertrudes não é nada, mas a chibatinha...

CARLOS - Só uma hora!

MANUEL DE SOUZA - Uma hora! É muito, meu amigo, é muito!

CARLOS - Vamos! Uma hora, Manuel de Souza!

MANUEL DE SOUZA - Pois vá lá! Ora adeus! Diga Gertrudes o que quiser! Fico!

CARLOS - Ah! eu logo vi! Obrigado, muito obrigado! (*Aperta-lhe a mão com efusão.*)

Cena IX

Os mesmos, Bento, Beatriz, depois Castelo Branco, Gabriela e o mudo

BEATRIZ (*Entrando com Bento, a Manuel de Souza.*) - Está pronto o cavalo.

CARLOS - Deixe-o estar. Não é preciso por ora.

BEATRIZ - Sim, senhor.

BENTO (*Examinando a Manuel de Souza.*) - É outro que tal! Decididamente isto não é uma estalagem; é um valhacouto de conjurados...

BEATRIZ - Estamos bem aviados, titio. (*Saem.*)

CARLOS - Agora, mãos à obra! (*Indo à porta de Castelo Branco.*) Olá Senhor Morgado de São Gabriel! Gabriela!

CASTELO BRANCO (*Entrando com a filha.*) - Podemos ir?

CARLOS - Sim, senhor. (*Apresentando Manuel de Souza.*) Meu padrinho, o Senhor Manuel de Souza, a quem salvei a vida. (*Cumprimentos.*)

MANUEL DE SOUZA - Estou com muita pressa. Vamos ligeiro, hein?

CARLOS - A demora não há de ser por mim. Vou buscar o mudo. (*Chamando para dentro.*) Oh! Senhor Mudo... Psiu! Venha cá! (*Entra o Mudo e cumprimenta a todos.*)

MANUEL DE SOUZA - Então você é mudo? (*O Mudo faz sinal afirmativo.*) Não pode dizer com a boca? É preciso estar a ... (*Arremedando o Mudo, ri-se bestialmente — a Carlos.*) Saiu-te ao pintar, hein?

CARLOS - E baratinho... Vinte cruzados só... Mas vamos, vamos embora!

TODOS - Vamos embora!

Quinteto

CARLOS	— É já safar, sem mais tardar sem haver demora!
GABRIELA	— Com precaução, com prontidão! vamo-nos embora!
TODOS	É já safar, etc.
MANUEL DE SOUZA	— É já partir com todo o afã!
O MUDO	— An, an, an, an!
CARLOS	— Cautelosos pressurosos convém sairmos daqui!
MANUEL DE SOUZA	— Tempo é de andar daí!
O MUDO	— Hi, hi, hi, hi!
GABRIELA	— Com prudência, com cadência, partamos sem tardar!
TODOS	— Sem demorar! Já, já, já, já!
O MUDO	— Ah! Ah! Ah! Ah!

(*Saem todos. O Mudo fica só em cena continuando mentalmente o motivo da saída. Vendo que está só.*)

O MUDO (*Confidencialmente.*) - Eu sou mudo de profissão; mas se isto só me render o ajuste, mudo de profissão! (*Sai a correr.*)

Cena X

Bento, Beatriz, depois Gertrudes

BENTO - Então, minha sobrinha?

BEATRIZ - Então, titio?

BENTO - Não é o que te digo? Aqueles desgraçados vão revoltar o interior da província!

BEATRIZ - Ah! titio! O que será de nós!...

GERTRUDES (*Entrando bruscamente com uma chibatinha na mão.*)
Olá! Oh! de casa! Venha alguém! (*Vendo Bento e Beatriz.*) - Olá velhote, olá rapariga!

BEATRIZ (*Voltando-se.*) - Uma senhora!

BENTO (*Com solicitude.*) - Oh! minha senhora, vós...

GERTRUDES (*Sem lhe dar tempo de falar.*) - Nem claro, nem moreno...

BENTO - Senhora...

GERTRUDES (*No mesmo.*) - Nem alto, nem baixo...

BENTO - Senh...

GERTRUDES (*No mesmo.*) - Nem gordo, nem magro; figura insignificante, boca sem expressão; sorriso desenxabido; mas com um certo ar de distinção... Nem muito nem muito pouco... São estes os seus sinais. Viram-no? (*Passeia agitando a chibata.*)

BEATRIZ - O que diz ela?

BENTO - Nem muito, nem muito pouco... (*Com uma idéia.*) Ah! é a senha... a senha dos conjurados... Senhora, também pertence a ...

GERTRUDES - A quê, homem de Deus?

BENTO - Bem sabe... (*Baixo.*) À conjuração..

GERTRUDES - Você é um tolo! Quem foi que lhe falou em conjuração? É meu marido, é o meu Manuel de Souza que procuro.

BENTO - Seu marido!

GERTRUDES - Não percebem? Meu marido! Só tenho aquele e não me faz conta perdê-lo!

Ária

O meu amor, meu tudo,
o grande cabeçudo,
grandíssimo infiel,

— meu belo Manuel;
o meu gentil marido,
meu confidente infido,
— de casa se ausentou;
sozinha me deixou!
Ai! quanto é mau, embora belo!
O Manuel de mim já se esqueceu!
Pra ele todo meu desvelo,
pra mim o esquecimento seu...
Mas se o ciúme me maltrata
o desvairado coração,
(*Agitando a chibata.*)
vinga-me, olé! me vinga esta chibata,
a fustigar o maganão.
Olá!
Toma lá!
Olá!
Meu sandeu!
Toma lá que te dou eu,
judeu!
À vez primeira em que nos vimos,
amor veemente aqui brotou;
os nossos corações unimos:
ai, meu Deus! foi quanto bastou.
pouco depois de a ele unida
(recordação que mal me faz),
Manuel fez-me uma partida...
Eu estava armada... Ah! meu rapaz!...
Olá!, etc.
(*Com uma expressão langorosa.*)
Ah! Ah! Ah!
O meu amor, meu tudo, etc.

BENTO - Ah! a senhora anda à procura de seu Manuel?

GERTRUDES - Ele está cá, pois não está! Ah! meu senhor
estalajadeiro, diga-me, diga-me que ele está cá.

BENTO - Sinto muito dizê-lo, senhora, mas... nunca o vi mais gordo.

GERTRUDES - Aquele monstro! Aquele miserável! Semelhante
conduta! Aposto que ele neste momento engana-me com mulheres, talvez!...
Ah! senhor estalajadeiro, se você soubesse a história do retrato...

BENTO - Que retrato!

GERTRUDES (*Mostrando um medalhão que tira d'algibeira.*) - Deste que trago sempre aqui, na algibeira... uma senhora de Porto Alegre por quem ele andou outrora apaixonado. (*Abrindo o medalhão.*) Você conhece por acaso alguma senhora de Porto Alegre, que se pareça com isto?

BENTO - Não...

BEATRIZ - Nunca a vi mais gorda...

GERTRUDES (*Fechando o medalhão com cólera.*) - Ó raiva! Sempre que me lembro de semelhante velhacada, fico de tal forma impressionada... Senhor estalajadeiro, segure-me... eu... (*Finge que desmaia nos braços de Bento.*)

BENTO - Então o que é isto, minha senhora? o que é isto?...

GERTRUDES (*A Beatriz, com voz sumida.*) - Menina?

BEATRIZ - Senhora?

GERTRUDES - Quero tomar alguma coisa... alguma coisa quente!

BEATRIZ - Quer ir lá para dentro?

GERTRUDES - Não sei! Estou tão fraca! Vou experimentar... (*Dá alguns passos sustida por Bento e Beatriz; depois endireita-se bruscamente e entra na estalagem, agitando a chibata.*) - Ah! velhaco! alma de cão! Se te apanho... (*Beatriz segue-a.*)

BENTO (*Só.*) - Com certeza esta senhora tem uma aduela de menos! (*Rodar de carruagem fora.*) Hein? uma carreta. (*Vai ver ao fundo.*) Que vejo! Soldados! Misericórdia! A conjuração foi descoberta! Vão ser presos os conjurados, e aqui estou eu comprometido.

CAPITÃO-GENERAL (*Fora.*) - Anda daí, Teobaldo.

TEOBALDO (*Fora.*) Pronto!

Cena XI

Bento, Capitão-General e Teobaldo

CAPITÃO-GENERAL (*Entra, acompanhado por Teobaldo.*) - Muito bem! Esperem lá fora! (*A Bento.*) Você que é o dono desta estalagem?

BENTO - Eu é que sou o dono desta estalagem. (*À parte.*) Estou arranjadinho...

CAPITÃO-GENERAL - Aproxime-se

BENTO (*Tremendo.*) - Às vossas ordens.

CAPITÃO-GENERAL - Viajo incógnito; mas como sei o que são estas estalagens, julgo conveniente preveni-lo que sou o Capitão-general...

BENTO (*Aterrado.*) - O Capitão-general!!! Céus! ... (*À parte.*) Estou aqui, estou enforcado...

CAPITÃO-GENERAL - Você tem um quarto desocupado?

BENTO (*Balbuciando.*) - Senhor...

TEOBALDO - Sua Excelência pergunta se você tem um quarto desocupado!...

BENTO (*Atrapalhado.*) - Posso mandar preparar a sala de espera...

CAPITÃO-GENERAL - Mas a tal sala de espera é mais cara?

BENTO (*Sorrindo amavelmente.*) - Saiba Vossa Excelência que sim.

CAPITÃO-GENERAL - Não importa: hei de lha pagar baratinho.

BENTO (*Sorrindo amargamente.*) - Vossa Excelência manda.

CAPITÃO-GENERAL - Mas vamos ao que aqui me traz, e responda sem circunloquções!

BENTO (*Intimidado.*) - Senhor...

TEOBALDO - Sem circunloquções!

BENTO - Sem circun... Como?

CAPITÃO-GENERAL - Como vai ele?

BENTO - Mas...

CAPITÃO-GENERAL - Você não tem aqui um doente?

BENTO (*Surpreso.*) - Ah! (*Mudando de tom.*) Ah! Sim. Sim. (*À parte.*)

Ele quer sondar-me...

CAPITÃO-GENERAL - Ele passou melhor a noite?

BENTO (*Atrapalhado.*) - Saiba Vossa Excelência que... isto é...

TEOBALDO (*Batendo-lhe no ombro.*) - Sua Excelência pergunta se ele passou melhor a noite!

BENTO - Oh! Oh! não bata no púlpito!

CAPITÃO-GENERAL (*Vivamente.*) - Mas ao menos não morreu??

BENTO - Oh! não! Não!

CAPITÃO-GENERAL - Respiro!

BENTO (*À parte.*) - Se eu percebo...

CAPITÃO-GENERAL - Mande dar palha aos meus animais, ande!

BENTO - Saiba Vossa excelência que nesta ocasião só há cevada de muito boa qualidade...

CAPITÃO-GENERAL - É mais cara?

BENTO (*Sorrindo amavelmente.*) - Saiba Vossa Excelência que sim...

CAPITÃO-GENERAL - Não importa! hei de lha pagar baratinho.

BENTO (*Sorrindo amargamente.*) - Vossa Excelência manda.

CAPITÃO-GENERAL - Musque-se!

BENTO - Vossa Excelência manda. (*Sai*)

Cena XII

O Capitão-General, Teobaldo, depois Carlos

CAPITÃO-GENERAL - Ora esta! Esqueci-me de perguntar a este tolo onde é o quarto de Carlitos, vai tu saber , Teobaldo.

TEOBALDO (*Saindo.*) - Num abrir e fechar d'olhos.

CAPITÃO-GENERAL (*Só.*) - Carlitos assustou-me com este bilhete! (*Lendo.*) “Sinto-me fraco. tenho medo de não amanhecer com vida”. — Mal recebi hoje pela manhã estas letras, corri... Deus queira que haja esperanças de salvá-lo!

CARLOS (*Entrando.*) - Eis-me finalmente casado. (*Dá alguns passos e acha-se cara a cara com o Capitão-general.*) Ah!

CAPITÃO-GENERAL (*Admirado.*) - Pois quê! És tu?!...

CARLOS (*À parte.*) - O Capitão-general! E Gabriela que...

CAPITÃO-GENERAL - Eu julgava encontrar-te em posição horizontal!

CARLOS - Vossa Excelência bem sabe... O reumatismo agudo é uma moléstia que vai e vem, vem e vai...

CAPITÃO-GENERAL - Um reumatismo agudo é grave! mas estás com muita cara... teu último bilhete sobressaltou-me sobremodo. Corri! Voei!

CARLOS (*À parte.*) - Desalmado! Pinte o meu estado feio demais. (*Alto, procurando levá-lo para fora.*) Vossa Excelência tomou aposentos?

CAPITÃO-GENERAL - Teobaldo anda a tratar disso. Ah! meu querido Carlitos, quanto folgo por encontrar-te em posição vertical!

CARLOS (*Cada vez mais inquieto e à parte.*) - Gabriela está aí, está a chegar...

CAPITÃO-GENERAL - É que... como não ignoras, tua vida é-me preciosa como a minha. (*Batendo-lhe no ombro amigavelmente.*) Hein? Negarás que a tua vida é-me tão preciosa...

CARLOS (*Inquieto sempre*) - Sim... sim...

CAPITÃO-GENERAL - Felizmente estás muito moço ainda; tens o futuro diante de ti. Mais dia menos dia, casar-te (*Movimento de Carlos.*) Tomara eu já! Há de ser grande a alegria! E aqui estou eu, que desde já prometo assistir às tuas bodas!

Rondó

— Um dia, olé! te casarás...

Muito m'hei de rir... Tu verás...

Mais do que tu 'starei contente...

Bem certo estou: procurarás

e com certeza encontrarás
para mulher — mulher ardente...
— Um dia, olé! te casarás...
Muito m'hei de rir... Tu verás...
Mais do que tu 'starei contente

De minha mão receberás
Tua mulher pura, inocente;
muito feliz então serás!
com que fervor a adorarás!
Mas o fervor que sentirás
Não será muito mais fervente
Que o meu fervor seguramente.

Ah! Ah!

— Um dia, olé! te casarás...
Muito m'hei de rir... Tu verás...
Mais do que tu 'starei contente

CARLOS - Não duvido que assim seja... Oh! mas esse dia ainda está muito longe. (*À parte.*) Quem não está longe é Gabriela.

CAPITÃO-GENERAL - Veremos! Tudo chega!

CARLOS (*À parte.*) - Quem vai chegar é ela. (*Ouve-se a voz de Castelo Branco.*) Eles vêm aí! Agora é que são elas!

Cena XIII

Os mesmos, Castelo Branco e Gabriela

CASTELO BRANCO (*Entrando com Gabriela.*) - Senhor *Monsiú*,
Senhor *Monsiú*! Vossa mercê veio a correr!

CARLOS (*À parte.*) - Antes não viesse!

CASTELO BRANCO - E despediu-se à francesa... Não admira, é francês.

GABRIELA - Onde é que se meteu?

CAPITÃO-GENERAL - Ó que linda mulher!

CASTELO BRANCO - O Capitão-general! (*Inclinando-se, a Gabriela.*) Cumprimenta, rapariga.

CARLOS (*À parte.*) - Estou em brasas!

CAPITÃO-GENERAL - Oh! mas se não me engano, é o morgado de São Gabriel, que tão obstinadamente recusa a ceder-me o cochicholo...

CASTELO BRANCO - É uma recordação de família, senhor...

CAPITÃO-GENERAL - Bem! bem! Senhor Morgado! O que lhe digo é que o cochicholo há de ser meu! (*À parte.*) Manda quem pode...

CASTELO BRANCO (*À parte.*) - Ó raiva! não passo de um sogro anônimo!

CAPITÃO-GENERAL - Esta encantadora senhora é sua filha, Senhor Morgado?

CASTELO BRANCO - Nossa. (*A Gabriela.*) Cumprimenta, rapariga.

CAPITÃO-GENERAL - É linda como os anjos! (*Cumprimentado-a.*) Minha senhora...

GABRIELA - Senhor Capitão!

CASTELO BRANCO (*Acotovelando-a.*) - General... General...

GABRIELA - Senhor General...

CASTELO BRANCO (*No mesmo.*) - Capitão-general.

GABRIELA - Senhor Capitão-general.

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga!

CAPITÃO-GENERAL - Que ricos vestidos! Afigura-se uma noiva...

CASTELO BRANCO - E noiva é...

CAPITÃO-GENERAL - Ah! acaba de casar-se porventura?

CARLOS (*Sem saber o que diz.*) Precisamente não... casou-se assim sem se casar...

GABRIELA - Como?!

CARLOS - Isto é... sim... quero dizer que seu marido...

CAPITÃO-GENERAL - E o feliz marido de tão interessante menina é?

CARLOS (*Atrapalhado e à parte.*) Meu Deus! (*Alto.*) É... é...

CAPITÃO-GENERAL - Quem?

CARLOS (*Incomodadíssimo.*) É... é...

Cena XIV

Os mesmos e Manuel de Souza

MANUEL DE SOUZA (*A Carlos.*) - Meu caro, venho dizer-te adeus...

CARLOS (*À Parte.*) - Ele! Oh! que idéia. (*Apresentando-o.*) Ei-lo, o Senhor Manuel de Souza.

GABRIELA e CASTELO BRANCO - Hein?

GABRIELA (*À parte.*) - Meu marido! Ele?

CASTELO BRANCO (*Idem.*) - Meu genro! Ele?

MANUEL DE SOUZA - Senhor Capitão-general...

GABRIELA (*A Carlos.*) - O que quer isto dizer!

CARLOS (*Baixo.*) - Cala-te, em nome do céu! O capitão-general não se demora muito; já vê pois que...

CAPITÃO-GENERAL (*A Manuel de Souza.*) - Meus parabéns, Senhor Manuel de Souza: é muito linda!

MANUEL DE SOUZA - Quem?

CAPITÃO-GENERAL - Quem há de ser? (*Apontando.*) Ela...

CARLOS - Ela...

CASTELO BRANCO - Ela...

GABRIELA - Eu...

CASTELO BRANCO - Não insista, rapariga!

MANUEL DE SOUZA - Ah! realmente é muito linda... é...

CAPITÃO-GENERAL (*À parte.*) Hão de ir morar no meu palácio, quer queiram, quer não queiram! (*Alto a Manuel de Souza.*) Tenho as melhores informações sobre Vossa mercê, Senhor Manuel de Souza. Em meu palácio de Porto Alegre tenho um pequeno estado-maior de oficiais de lanceiros. Quero elevá-lo provando-lhe assim a consideração que...

MANUEL DE SOUZA - Mas...

CAPITÃO-GENERAL - Hesita? Já sei quem o impede... (*Com malícia.*) Sua senhora; não é?

MANUEL DE SOUZA - Minha mulher?! Quem disse a Vossa Excelência?...

CAPITÃO-GENERAL - Pois bem : Vossa Excelência levá-la-á consigo.

MANUEL DE SOUZA - Minha mulher?

CAPITÃO-GENERAL - Os oficiais do meu estado-maior são quase todos casados e moram, em meu palácio com suas respectivas metades. Tenho acomodações para mais um casal. Estou certo que sua senhora não se negará a acompanhá-lo. (*A Gabriela.*) Não é assim, minha senhora?

MANUEL DE SOUZA - Como! Mas não é esta que...

CARLOS (*Tapando-lhe a boca.*) Cala-te! É tua mulher... provisoriamente.

MANUEL DE SOUZA - Hein?

CAPITÃO-GENERAL - Então está dito?

MANUEL DE SOUZA - É que...

CASTELO BRANCO - Com licença... Vou por tudo em pratos limpos!

GABRIELA - Sim, é preciso que se saiba que...

CAPITÃO-GENERAL - Deixem-me disso! Nada de agradecimentos!

Estamos de acordo!

CASTELO BRANCO, GABRIELA e MANUEL DE SOUZA - Sim...

CAPITÃO-GENERAL - Preparem-se, enquanto vou dispor tudo para a nossa partida. (*A Castelo Branco.*) Morgado, acompanhe também sua filha a Porto Alegre. (*A Manuel de Souza...*) Quanto à Vossa mercê...

CARLOS - Ah! Vamos preparar-nos também...

CAPITÃO-GENERAL - Tu não... Para que hás de ir, Carlitos? Fica, fica... Lembra-te de teu reumatismo...

GABRIELA e CASTELO BRANCO (*À parte.*) - Pois ele fica?...

CAPITÃO-GENERAL (*A Gabriela.*) Vão... vão...

CASTELO BRANCO (*Levando a filha.*) - Sim, senhor Capitão-general. Vamos, rapariga!

GABRIELA - Ah! papai, em que há de dar tudo isto?... (*Saem*)

Cena XV

Manuel de Souza e Carlos

MANUEL DE SOUZA - Então, então? Agora, que estamos sós, é preciso que me expliques...

CARLOS - Não tenho tempo agora. Os acontecimentos precipitam-se... Não receies coisa alguma. Tudo se há de arranjar!

MANUEL DE SOUZA - Mas Gertrudes, minha mulher, minha verdadeira mulher?...

CARLOS - Ora adeus! Está longe...

MANUEL DE SOUZA - Longe... Isso é o que não sabemos...

Cena XVI

Os mesmos e Gertrudes

GERTRUDES (*Entrando, consigo.*) Ah! Sinto-me mais forte agora. Não há dúvida. O velhaco do meu marido cá não está. Andei por todos os quartos. remexi armários, gavetas, prateleiras... (*Vendo Manuel de Souza.*) Ah!...

MANUEL DE SOUZA (*Dando um salto.*) Ah! Minha mulher!

GERTRUDES (*Agitando a chibata.*) - Aqui!

MANUEL DE SOUZA (*Hesitando.*) - Pois quê! És tu, minha boa amiga?

GERTRUDES (*No mesmo.*) - Aqui! Não ouve?...

MANUEL DE SOUZA - Aqui me tens, aqui me tens! (*Aproximando-se timidamente.*) Como tens passado, Gertrudinha? bem?...

GERTRUDES (*No mesmo.*) - Manuel de Souza, há dois dias que ando à tua procura!

MANUEL DE SOUZA (*Recuando.*) - Eu também tenho andado à tua procura...

GERTRUDES - Mentas!

MANUEL DE SOUZA (*Recuando.*) - Olha, pergunta aqui ao Carlos... Ele que te diga... (*Mudando de tom e com volubilidade.*) Tenho o prazer de apresentar-te o meu amigo Monsiú Carlos. (*Empurrando-o para sua frente.*) Ele que te diga... Não é assim, Carlos?

CARLOS - É...

GERTRUDES (*Com força.*) - Não é!

CARLOS (*Espantado.*) - Olé! Olé! (*À parte.*) Que mulherzinha!

MANUEL DE SOUZA - Juro-te, juro-te, Gertrudinhas! Olha, estou tão satisfeito por te tornar a ver...

GERTRUDES - Você sente o que está a dizer?

MANUEL DE SOUZA - Oh! se sinto!

CARLOS - Oh! se sentimos!

GERTRUDES - Manuel, quem me dera poder acreditá-lo!

MANUEL DE SOUZA (*Querendo tirar-lhe a chibata.*) - Olha, põe isto de parte...

GERTRUDES (*Repelindo.*) - Não! (*Com calma.*) Manuel?

MANUEL DE SOUZA - Gertrudinhas!

GERTRUDES - Você não me enganou?

MANUEL DE SOUZA - Não, coração!

GERTRUDES - Ah! (*Abre-lhe os braços.*)

MANUEL DE SOUZA - Gertrudinhas!

GERTRUDES - Manuel (*Abraçam-se.*)

MANUEL DE SOUZA - Olha, põe isto de parte...

GERTRUDES (*Severa.*) Não! (*Com calma.*) Manuel?

MANUEL DE SOUZA - Gertrudinhas!

GERTRUDES - Nunca mais havemos de nos separar!

MANUEL DE SOUZA - Nunca mais!

GERTRUDES - ...ca mais!

MANUEL DE SOUZA (*A Carlos.*) Belíssima situação!

CARLOS (*O mesmo a Manuel de Souza.*) - Sê prudente, e deixa o resto por minha conta. (*Gritos de — Viva o Capitão-general.*)

Cena XVII

**Os mesmos, povo, o Capitão-General, depois Gabriela e Castelo Branco,
depois Teobaldo**

Final

CORO — A correr bem pressurosos,
neste dia festival,
nós bradamos jubilosos:
— Viva o Capitão-general! (*Bis.*)

CAPITÃO-GENERAL — Ah! para um Capitão-general,
é bom gozar popularidade!
Tendes para comigo essa bondade,
ó filhos do Brasil e Portugal!

CORO — A correr, etc.
(*Durante o coro entram castelo Branco e sua filha.*)

CAPITÃO-GENERAL (*A Manuel de Souza.*) - Já pronto está?
(*A Castelo Branco e Gabriela*) - Prontos estão?

MANUEL DE SOUZA (*Atrapalhado.*) - Mas senhor... (*À parte.*) Ai!
que aflição!

CAPITÃO-GENERAL — Pra Porto Alegre vou, e digo:
o senhor me acompanhará!

GERTRUDES (*Admirada.*) — Pra lá!

CAPITÃO-GENERAL — E irá
com sua esposa, amigo.

GABRIELA (*À parte, com tristeza.*) — Comigo!

GERTRUDES (*À parte, com alegria.*) — Comigo!

Concertante

CAPITÃO-GENERAL — Pasmados de surpresa
a todos vendo estou!
Este anjo de beleza
por pouco não chorou!
Que vida folgada
— não há mais que ver—
embora casada
com ela vou ter!

TODOS — Eu confundido estou!

CARLOS, CASTELO BRANCO, GABRIELA
e MANUEL DE SOUZA

— De terror, de surpresa
a morrer quase estou!
Há que ver, com certeza
no que aqui ver vou!
Com esta embrulhada,
das duas - é ver -
à força levada
qual é que há de ser!

— De terror, de surpresa
a morrer quase estou!
Ó que grande afoiteza
eu ver agora vou!
Com esta embrulhada,
não há mais que ver;
à força levada
à força vou ser!

GERTRUDES — Com ele levada,
que vida vou ter!
Que vida folgada!
Não há que dizer!
Mui considerada
agora vou ser!

(O Capitão-general sobe ao fundo para dar ordens.)

GERTRUDES *(A Manuel de Souza.)* — Com gentileza
agradecer vou já
um favor de tal natureza...

MANUEL DE SOUZA *(Vivamente.)* — Não! Não! agradecer não vá!
GABRIELA *(A Carlos.)* — Esta fineza

eu recusar vou já,
mas com toda a delicadeza.

CARLOS *(Vivamente.)* — Não! Não! oh! recusar não vá!

CASTELO BRANCO — Que grande maçada!

CARLOS — Que grande embrulhada!

MANUEL DE SOUZA — Oh! que trapalhada!

OS TRÊS — Com ambos casada
como é que há de ser!

REPETIÇÃO DO CONCERTANTE - De terror, etc.

TEOBALDO *(Aparecendo ao fundo.)* — Vossa carreta pronta está!

GERTRUDES — Vamos embora, já e já!

CAPITÃO-GENERAL — Meus senhores e senhora,
não pode haver demora!

(A Manuel de Souza.) Senhor, quando quiser...

MANUEL DE SOUZA *(A Carlos.)* — Está tudo perdido!

CARLOS — Toma sentido!

MANUEL DE SOUZA *(A Carlos.)* — E minha mulher?

CARLOS — Não faças ruído!

Eu cá já sei

CAPITÃO-GENERAL

o que farei...
— Meus senhores e senhora,
já, já nos vamos sem demora
embora!

CORO

Não mais esperarei!
— Partamos sem demora!
A correr, etc.

(Gabriela, o Capitão-general, Castelo Branco e Manuel de Souza saem pelo fundo.)

GERTRUDES *(Não reparou na saída do marido e desespera, vendo-se abandonada.)* Então?! Deixam-me aqui? Manuel! Manuel! Ah! *(Desmaia nos braços de Carlos, que a entrega a Bento, que entra espavorido. Todos no fundo agitam lenços e chapéus.)*

[(Cai o pano)]

ATO SEGUNDO

Jardim, no palácio do Capitão-general. À direita, primeiro plano, pequeno pavilhão, para o qual se sobe por uma escada dupla. À esquerda, segundo plano, um banco de mármore, com recosto. Avenida em perspectiva.

Cena I

Oficiais de Lanceiros, soldados, depois Teobaldo, depois Gabriela, Castelo Branco e Manuel de Souza

Introdução

CORO — Qual é, qual a razão
de sermos convidados
pr' esta reunião?
De tal convocação,
estamos espantados!
Qual é, qual a razão
desta reunião?...

TEOBALDO (*Saindo do pavilhão.*) — Olé! parabéns por tal
[pontualidade!
É muito natural que ao capitão agrade
o vosso zelo pelo serviço militar.

CORO — Mas queira confessar
qual é, qual a razão, etc.

TEOBALDO — Vosso, silêncio agora, amigos meu, reclamo;
de vossa parte espero um pouco de atenção:
por isso que vos vou dar comunicação
de uma resolução
de nosso ilustre amo.

TODOS (*Gritando.*) Viva o sem rival
Capitão-general!

TEOBALDO Bico calado; lá não está...

TODOS (*Reprimindo o entusiasmo*) — Bico calado: não está lá

TEOBALDO — Psiu, psiu!
Eu principio.
(*Abre um folha de papel e lê*)

“Nós, Capitão-general nesta cidade de Porto Alegre, por Sua Majestade Fidelíssima, a quem Deus guarde, fazemos saber a todos os oficiais e mais funcionários residentes em nosso palácio, que nesta data havemos por bem nomear Manuel de Souza capitão do regimento de lanceiros, e Dona Gabriela, sua mulher, nossa leitora.”

TODOS (*Gritando*) — Viva o sem rival
Capitão-general!
TEOBALDO — Bico calado: lá não está...
TODOS (*Como acima.*) — Bico calado: não está lá...
TEOBALDO — Em breve os novos nomeados
vereis aqui chegar, amigos meus;
eu lhes vou dar os tít'los seus,
para poderem ser empossados.
De vós nenhum
convém deixar de fazer zunzum
TODOS — De fazer um
zunzum
é não deixar de modo algum!

(*Murmúrio prolongado, durante o qual entram Gabriela, Castelo Branco e Manuel de Souza, revestidos com os uniformes de seus novos cargos*)

GABRIELA, CASTELO BRANCO e MANUEL DE SOUZA
— Vós com tais atenções, cativais corações
TODOS — Ilustres recém-nomeados
se amigos sois do Capitão,
Também sereis afeiçoados
aos cavalheiros que cá estão!
Ilustres recém-nomeados!

TEOBALDO — Agora vou (vós ides ver,
senhores meus, formosa dama)
sem mais aquela proceder
ao que estabelece o programa.
(*A Gabriela.*) De pro meu lado vir faça o favor.
GABRIELA — Aqui estou, meu senhor.
TEOBALDO — O Capitão-general
vos nomeia sua leitora.
GABRIELA — Que profissão maçadora.
TEOBALDO — É muito especial,

é muito original!
 TODOS — É muito original,
 é muito especial!
 TEOBALDO — Ao Morgado agora vou
 dar um decreto.
 CASTELO BRANCO — Aqui estou.
 TEOBALDO — Feito está Capitão-mor,
 que é das honras a maior.
 TODOS — Feito está Capitão-mor,
 que é das honras a maior.
 CASTELO BRANCO — Oh que bom! Eu vos agradeço!
 TEOBALDO — A cerimônia recomeço.
 Senhor Manuel de Souza,
 eu quero dar-lhe alguma cousa.
(Trazem uma espada, que Teobaldo apresenta a Manuel de Souza.)
 TEOBALDO e OFICIAIS — Capitão, não suponha
 que esta luzente espada
 é chanfalho vulgar,
 não pode alguém matar.
 Ela não envergonha
 ninguém, desembainhada:
 quem a tiver na mão
 dizima um batalhão!
 Ela é longa, é pontuda,
 e de puro metal!
 Espada sem rival
 luzente e pontiaguda!
 TODOS — Ela é longa, etc.
 TEOBALDO e OFICIAIS — No auge da batalha
 precisa um belo dia
 ver morto aos seus pés
 pimpões aos seis, aos dez?
 — Conte que ela não falha!
 Em um segundo enfia
 barrigas a valer:
 é só — tirar, meter!...
 Ela é longa, etc
(Repetição do Coro)
 — Ilustres recém-nomeados, etc.

(Saem todos, com exceção de Gabriela, Castelo Branco e Manuel de Souza.)

Cena II

Gabriela, Castelo Branco e Manuel de Souza

MANUEL DE SOUZA - Foram-se?

GABRIELA - Sim...

MANUEL DE SOUZA - Muito bem, Agora, meu caro Senhor Morgado e minha excelente senhora, a trapalhada fica por vossa conta e risco.

CASTELO BRANCO - Como por nossa conta e risco?

GABRIELA - Dar-se-á o caso que o Senhor Manuel de Souza nos queira abandonar?

MANUEL DE SOUZA - Há uma hora chegamos, há uma hora procuro ocasião para escafeder-me.

GABRIELA - Mas isso é impossível!

CASTELO BRANCO - Abandonar-nos! Era o que faltava!

GABRIELA - Que havemos nós dizer ao capitão-general, quando não o vir conosco?

MANUEL DE SOUZA - É isso justamente o que fica por vossa conta e risco. Cada um responde por si. Minha mulher com certeza veio ao nosso encalce, e, de um momento para o outro, cai aqui como um raio, bumba! Oh! bem a conheço! É capaz de deitar abaixo este palácio! prefiro não esperar pela catástrofe, e despedir-me... Tenho a honra de.... *(Dá alguns passos)*

GABRIELA *(Pegando-o pelo braço.)* Não, não, não! Não há de ir assim sem mais nem menos, Ajude-me, papai.

CASTELO BRANCO - Sim, rapariga. *(Pegando-o pelo outro braço.)* Vossa Mercê não se há de ir embora, Senhor Manuel de Souza.

MANUEL DE SOUZA *(Tentando livrar-se)* - Oh! mas isto é um violência. Já vos disse que...

CASTELO BRANCO - Não se há de ir embora, Senhor Manuel de Souza!

GABRIELA - Não se há de ir embora, Senhor Manuel de Souza!

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga!

Cena III

Os mesmos e Carlos

CARLOS (*Aparecendo ao fundo.*) - O que é isto? o que é isto?

TODOS - Carlos!

GABRIELA (*Correndo para ele.*) - Ai! o meu queridinho!

CARLOS - Silêncio. Podem ouvir-te. Ah! meus amigos, estou morto... morto! Segui-vos toda a viagem a cavalo, à distância de meia hora!

GABRIELA - Coitado do querido”

CASTELO BRANCO - Quer sentar-se? (*Indica-lhe o banco.*)

CARLOS - Não, não, obrigado!

CASTELO BRANCO - Melhor! (*À parte.*) Tolo fui eu em lho oferecer.

CARLOS - Agora, quero saber em duas palavras de tudo que se tem passado... O Capitão-general...

GABRIELA - Logo que desceu da carreta, entregou-nos ao ajudante de ordens e ordenou-lhes que nos apresentasse todo o estado-maior.

CASTELO BRANCO - Estamos no maior estado de satisfação; o capitão-general confundiu-nos com dignidades! A rapariga está feita leitora.

CARLOS - Leitora? Que diabo de dignidade é essa?

CASTELO BRANCO - Ali o Senhor Manuel de Souza é capitão de lanceiros, e eu Capitão-mor não sei de onde.

CARLOS - Ele, porém, de nada desconfia...

GABRIELA - Nada...

CARLOS (*Respirando.*) - Ah! sinto-me melhor!

GABRIELA - O que há é que o Senhor Manuel de Souza queria por força ir-se embora!

CARLOS - Ir-se embora!

CASTELO BRANCO - E deixar-nos ao Deus dará!

MANUEL DE SOUZA - Meu amigo, tu bem sabes: eu tenho muita pressa... Além disso tu cá estás; arranja-te como puderes. (*Estendendo-lhe a mão.*) Até mais ver, meu bom Carlos.

CARLOS - É irrevogável essa resolução? Queres ir-te embora?

MANUEL DE SOUZA - Quero ir-me embora!

CARLOS - Seja (*Estendendo-lhe a mão.*) - Até mais ver, Manuel de Souza.

MANUEL DE SOUZA - Até mais ver.

CARLOS (*Apertando sempre a mão de Manuel de Souza.*) Mas olha lá... Tu ainda não sabes a consequência do que vais fazer. O teu procedimento é... é grave.

MANUEL DE SOUZA (*Inquieto.*) - Grave?..

CARLOS - Decerto! Agora que estás feito capitão, safares-te sem ao menos dizer água-vai é simplesmente cometer crime de deserção. Expõe-te a acabar teus dias em um aljube.

MANUEL DE SOUZA (*Saltando.*) -Hein?

CARLOS - Enfim, isso é lá contigo. (*Estendendo-lhe a mão.*) Até mais ver, Manuel de Souza...

GABRIELA (*No mesmo*) - Até mais ver, Manuel de Souza!

CASTELO BRANCO (*A Gabriela.*) Não insistas, rapariga! (*Imitando os outros.*) Até mais ver, Manuel de Souza!

MANUEL DE SOUZA - Deixe-me estar! Não me aborreçam! Então estou obrigado a ficar aqui... E minha mulher?

CARLOS - Não te dê isso cuidado... Tua mulher, por enquanto, não pode deitar água na fervura.

MANUEL DE SOUZA - Como assim?

CARLOS - Eis o caso: no momento em que partiste, Dona Gertrudes desmaiou nos meus braços... (*A Manuel de Souza.*) Tu não sabes, Manuel de Souza, o que é ter tua mulher nos braços.

MANUEL DE SOUZA - Como não sei? Ora! Quantas vezes!

CARLOS - Fi-la transportar para um dos quartos da estalagem e mandei procurar um médico... Infelizmente não há médicos em Viamão... Veio um alveitar.

TODOS - Um alveitar!

CARLOS - Um alveitar, que prometeu-me fazer com que a moléstia durasse oito dias, pelo menos...

GABRIELA - E nós? e nós?

CASTELO BRANCO - Continuamos a representar esta farsa? É preciso que resolvamos alguma coisa!

CARLOS - Eu sei... mas resolver o quê? Enfim, verei, verei... Primeiro que tudo, quero estudar a situação... se o Capitão-general...

GABRIELA - Ele aí vem... O melhor seria talvez confessar-lhe tudo.

CARLOS - Confessar-lhe tudo! Nunca! Silêncio e prudência!

Cena VI

Os mesmos e o Capitão-General

CAPITÃO-GENERAL - Sou eu; incomodo-os talvez?

MANUEL DE SOUZA - Qual incomodar-nos!

GABRIELA - Pelo contrário...

CASTELO BRANCO - Vossa Excelência dá-nos sempre muito prazer...

CARLOS - Não se quer sentar? não se quer sentar?

CAPITÃO-GENERAL - Carlitos! Mas o que é isto? Ficaste no campo, em convalescença, e, apenas chegado, encontro-te aqui!

CARLOS - Vossa Excelência sabe? o reumatismo precisa de exercício. Mas se Vossa Excelência quiser, volto...

CAPITÃO-GENERAL - Fica. Eu sempre gostei de ver-te a meu lado. Mas permite: deixa-me dar atenção aos noivos. (*A Gabriela.*) Então? Está satisfeita?

GABRIELA - Satisfeitíssima.

CASTELO BRANCO - Senhor Capitão-general, estamos todos satisfeitíssimos; não é assim meu genro? (*Vendo que Manuel de Souza não lhe responde, dá-lhe uma cotovelada.*) Não é assim, meu genro?

MANUEL DE SOUZA - Ah! Sou eu que... (*Vivamente*) Sim... sim...

CARLOS - É como Vossa Excelência vê: estão todos satisfeitíssimos. (*Baixo a Manuel de Souza.*) Presta mais atenção, desalmado!

GABRIELA - Satisfeitíssimos.

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga!

CAPITÃO-GENERAL - Agora temos de tratar das acomodações da família.

GABRIELA - Da nossa acomodação?

CAPITÃO-GENERAL - Sim. Lembrei-me daquele pavilhão. É pequenino, mas ao pintar para uma lua-de-mel. Uma saleta, um quarto pequenino...

GABRIELA - Oh! papai! um quarto pequenino!...

CARLOS - Como um quarto pequenino? (*Baixo a Manuel de Souza.*) Protesta, protesta, Manuel de Souza!

MANUEL DE SOUZA - (*Baixo.*) Homem, olha: há situações que tem suas exigências...

CARLOS (*À parte*) - Velhaco!

CAPITÃO-GENERAL (*A Gabriela.*) - Então? não me agradece?

GABRIELA - É quê... Senhor Capitão-general...

CAPITÃO-GENERAL - É quê... o quê? Vejamos...

GABRIELA - Um quarto pequenino...

CAPITÃO-GENERAL - E então...

GABRIELA - Preferiria dois grandes...

CASTELO BRANCO - Muito grandes...

CARLOS - Enormes!!!

GABRIELA - Enormíssimos!!!

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga!

CAPITÃO-GENERAL - Esta agora!

CARLOS - Mas é o mesmo... Manuel de Souza acaba de dizer-me que ficará com a saleta, e Dona Gabriela tomará conta do quarto pequenino...

CAPITÃO-GENERAL - Como?! Separados?! Já?! E casou-se esta manhã? Oh! Senhor Manuel de Souza!

MANUEL DE SOUZA - Perdão, Senhor Capitão-general; mas não sou eu que...

CARLOS - Sim, é um costume de família!

CAPITÃO-GENERAL - Ah!

CARLOS - É tradicional dos Manuéis de Souza a separação de leitos.

CAPITÃO-GENERAL - Deveras?...

CARLOS - E o costume tem sucedido de pais a filhos!

CAPITÃO-GENERAL - Ah! (*À parte.*) - É original! (*A Carlos.*) - Já estarão frios?

CARLOS - Frios? Não! Calmos, estão calmos...

CAPITÃO-GENERAL - (*À parte.*) - Vai tudo às mil maravilhas! (*Alto.*) Vou dizer ao meu ajudante que se ponha inteiramente às suas ordens. Até logo.

TODOS - Até logo, Senhor Capitão-general

CAPITÃO-GENERAL (*À parte.*) Vai tudo às mil maravilhas.

(*Apenas desaparece o Capitão-general, Carlos, Gabriela e Castelo Branco voltam-se para Manuel de Souza às gargalhadas.*)

Cena V

Os mesmos, menos o Capitão-General

MANUEL DE SOUZA (*A Carlos.*) - Fizeste-a bonita. Agora peço-te eu que me digas o que vai aquele homem pensar a meu respeito.

CARLOS - Pense lá o que quiser. Eis-nos livres do primeiro perigo: estou mais sossegado sobre a nossa situação.

MANUEL DE SOUZA - Como assim?

GABRIELA - Como assim?

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga!

CARLOS - Muito simplesmente. Agora que o Capitão-general engoliu a pílula, convém que permaneçamos algum tempo no *status-quo*.

MANUEL DE SOUZA - Como no *status-quo*?... Queres então que eu fique sendo marido de tua mulher?

CARLOS - Decerto, isto é, oficialmente.

MANUEL DE SOUZA - Está visto: na salinha. Mas, vem cá, e minha mulher?

CARLOS - E tu a dares com tua mulher! Tua mulher! Confessar-lhe-emos tudo, e, logo que haja cá entre nós certa combinação, verás que vidinha...

MANUEL DE SOUZA - Como assim?

CASTELO BRANCO - Como assim?

GABRIELA - Como assim?

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga!

CARLOS - Como assim! Como assim! Parece-me que me expliquei perfeitamente, apesar de falar mal o português. Vejamos! Manuel de Souza é teu marido, é certo... Vamos, porém, estabelecer uma distinção: ele não passa de um marido para o mundo, de uma marido... honorário...

GABRIELA - E daí?

CARLOS - Daí que ele é teu marido das nove horas da manhã às dez da noite...

GABRIELA - Mas...

CARLOS - E das dez horas da noite às nove da manhã cede o lugar a outro, o verdadeiro, o legítimo...

GABRIELA - Oh!...

MANUEL DE SOUZA - Tu ficas com o melhor...

CARLOS - Pudera!

GABRIELA - Sim: mas ouve cá! Eu preferia ser tua mulher tanto de noite como de dia...

CARLOS - De noite como de dia! Para quê, meu amor? Basta-nos a noite... Queres tu saber?

Coplas

I

—Bem vês: de dia, anjo querido,
há cem mil coisas que arranjar:
nem a mulher, nem o marido,
ocasião têm pra conversar.
Enquanto o esposo o tempo gasta
a dirigir negócios mil,
no toucador a esposa casta
faz-se-lhe aos olhos mais gentil.
Para lidar com o deus Cupido
nunca ninguém 'stá de maré
de dia, ó meu anjo querido...

GABRIELA - Mas nem sempre assim é...

II

— O bom marido e a mulher sua
vão passear desde o arrebol,
pois quem se ama à luz da lua,
bem pode amar-se à luz do sol.
Dos calendários dos casados
tire-se o dia, e me dirão
o que será dos desgraçados!...
Horas de amor lhes faltarão...
Não sendo assim, eu te afixo,
hei de zangar-me muita vez:
a noite fez-se pro descanso...

CARLOS - *Pas toujours...* Tem seus *quês...*

GABRIELA (*Ao pai*) - O que diz a isto, papai?

CASTELO BRANCO - Eu não digo nada, rapariga: estou por tudo
contanto que me deixem ser Capitão-mor. É quanto quero! Assim tenho a
propriedade segura.

GABRIELA - Papai não pensa em outra coisa.

CASTELO BRANCO - Ora essa! Eu cá não sou namorado: sou
proprietário.

CARLOS - Está dito! Manuel de Souza está por tudo! (*Oferecendo o
braço a Gabriela.*) Vem daí...

MANUEL DE SOUZA - Onde vais tu?

CARLOS - Dar uma volta pelo jardim.

MANUEL DE SOUZA - Com a minha mulher!

CARLOS - Com a minha!

MANUEL DE SOUZA - Que é minha para o mundo; de sorte que se ele
os encontrar...

CARLOS - Eles quem?

MANUEL DE SOUZA - O mundo...

CARLOS - Ora!

MANUEL DE SOUZA - Há de supor...

CASTELO BRANCO - Quem?

MANUEL DE SOUZA - O mundo...

CARLOS - Ora!

MANUEL DE SOUZA - Há de supor que sou algum...

CARLOS (*Dando o braço a Gabriela.*) Deixa-o supor. Tens a consciência tranqüila... é quanto te basta.

GABRIELA - É quanto lhe basta, Senhor Manuel de Souza. (*Carlos e Gabriela saem a rir.*)

CASTELO BRANCO (*Batendo-lhe no ombro.*) - A consciência... é tudo!

MANUEL DE SOUZA - Não insista, Senhor Morgado!

CASTELO BRANCO (*Rindo.*) - Ah! ah! ah! Pobre Manuel de Souza. (*Sai pelo lado oposto àquele por onde saíram Carlos e Gabriela.*)

Cena VI

Manuel de Souza e depois Gertrudes

MANUEL DE SOUZA (*Só.*) - Ainda em cima zombam de mim... ingratos! Mas enfim eles não sabem o perigo que todos corremos! Gertrudes ainda não se pronunciou em tudo isso, e quando se pronunciar, bumba! Lá se vai tudo quanto Marta... (*neste momento Gertrudes, que apareceu ao fundo, tem-se aproximado e dá-lhe uma chibatada nas pernas.*) Ah! Gertrudes... Pronunciou-se!

GERTRUDES (*Atira fora a chibata e cruza os braços.*) - Monstro!

MANUEL DE SOUZA - Minha querida amiga...

GERTRUDES - Cão!

MANUEL DE SOUZA - Minha querida amiga...

GERTRUDES - Cachorro!

MANUEL DE SOUZA - Queridinha (*À parte.*) Mau! desço de cão a cachorro!

GERTRUDES - Saltimbanco!

MANUEL DE SOUZA - Meu anjo! (*À parte.*) Bem! Agora subi a homem!

GERTRUDES - Você não me esperava, não é assim?

MANUEL DE SOUZA - Oh! pelo contrário... Quero dizer... eu to digo... Estava já um pouco impacientado... Já havia dito com os meus botões: Gertrudinhas não vem! Gertrudinhas não vem!

GERTRUDES - Bárbaro! Abandonar-me em uma estalagem no campo, safando-se com outra mulher às minhas barbas!

MANUEL DE SOUZA - Atende, santinha...

GERTRUDES - Pérfido!

Dueto

GERTRUDES — Ah! tudo isto me exaspera!
MANUEL DE SOUZA — Mas isto o quê?
GERTRUDES — Todo nervoso meu se altera!
MANUEL DE SOUZA — Porém por quê?
GERTRUDES — Nós somas todas mil extremos...
MANUEL DE SOUZA — Pois não, pois não!
GERTRUDES — Que recompensa recebemos?
MANUEL DE SOUZA — A ingratidão!
GERTRUDES — Enquanto estou no lar querido
a trabalhar, pobre mulher!
— por fora o bom de meu marido
façanhas faz e quantas quer!
‘Stou danada!

MANUEL DE SOUZA — Vê tu lá!
GERTRUDES — ‘Stou danada!
MANUEL DE SOUZA — Vê tu lá!
GERTRUDES — Danada! danada!
Em minha mão não está!
Zás!

(Dá-lhe uma bofetada.)

MANUEL DE SOUZA — Ah!
GERTRUDES *(Soltando um suspiro de satisfação.)* - Consolada!

GERTRUDES	MANUEL DE SOUZA
— Ai! que bom bofetão	— Meu Deus! que bofetão
Não estava mais em minha mão!	Porém, amor, não tens razão!

MANUEL DE SOUZA - Eu vou explicar-te tudo em duas palavras: não conheço essa mulher...

GERTRUDES - Não a conheces?

MANUEL DE SOUZA - Quero dizer: conheço-a sem conhecer. O Carlitos foi que me pediu para... Não vês que o capitão-general... entendes?

GERTRUDES - Não!

MANUEL DE SOUZA - Fui obrigado a dizer que ela é minha mulher; mas, no fundo, é de Carlitos.

GERTRUDES - Do Carlitos?

MANUEL DE SOUZA - Palavra!

GERTRUDES - Falas verdade, Manuel de Souza!

MANUEL DE SOUZA - Já te dei a minha palavra de honra, Gertrudinhas!

GERTRUDES - Pois bem: seja, acredito; mas pelo sim, pelo não, leve-me comigo... Assim estarei mais sossegada. Vamos! passa adiante; voltemos para casa.

MANUEL DE SOUZA - Tem paciência, Gertrudinha; mas isso agora é que fia mais fino...

GERTRUDES - Então você quer levar toda sua vida aqui? Fazendo fosquinhas às mulheres, não é assim? Ao diabo da sujeita do retrato, talvez?

MANUEL DE SOUZA - Oh! Gertrudinhas! Eu todos os dias me retrato do diabo da sujeita! E tu a dares! Não se trata agora disso... Já vejo que não reparaste em mim... vê como estou vestido... Olha esta farda, esta espada! Aqui onde me vês, sou o Senhor Capitão!

GERTRUDES - Capitão? É verdade! Não tinha feito reparo! (*À parte, examinando-o.*) E como lhe fica bem a farda!

MANUEL DE SOUZA - Já tu vêes que não me posso ir embora. Mas descansa: quando não houver serviço, estarei ao teu ...

GERTRUDES - Ao meu o quê?

MANUEL DE SOUZA - Serviço... de manhã ao meio-dia, à noite, sempre, sempre, sempre...

GERTRUDES (*Com ternura.*) Manuel de Souza!

MANUEL DE SOUZA - Estão feitas as pazes?

GERTRUDES (*Apresentando-lhe as faces*) - Toma! (*Ele beija-a.*)

MANUEL DE SOUZA (*À parte.*) - Apre! Custou...

GERTRUDES - Manuel de Souza, estou muito cansada... Quero descansar... Onde é o meu quarto?

MANUEL DE SOUZA (*À parte.*) - Onde diabo há de ser?

GERTRUDES - Mais um beijinho!...

MANUEL DE SOUZA - Dois e três se quiseres. (*Saem aos beijos pela direita.*)

Cena VII

O Capitão-General e Teobaldo

CAPITÃO-GENERAL - Que vejo! Manuel de Souza aos beijos com uma mulher! Já!...

TEOBALDO - O novo capitão está a fazer o seu pé-de-alferes.

CAPITÃO-GENERAL - Ah! Agora compreendo a frieza de hoje pela manhã, Vamos! Vamos, o momento é favorável. Teobaldo, vai dizer a Dona Gabriela que lhe desejo falar.

TEOBALDO - Sim, Senhor Capitão-general. (*Sai.*)

CAPITÃO-GENERAL (*Só*) - O que vou praticar é simplesmente uma velhacada. Dona Gabriela é linda como os amores; e como o marido é um Manuel de Souza, proponho-me um candidato. É muito engenhoso o meio que pretendo empregar para a conquista. Nomeio-a minha leitora. É caso virgem semelhante nomeação; mas ora Deus! por que não pode ter um capitão-general sua leitora? Eu não gosto de leitura; mas é que os livros têm tanta influência sobre as mulheres, como as mulheres sobre os livros. Hei de mandar pedir para a Europa bons autores. Na minha biblioteca nada tenho que sirva para o fim que almejo. Encontrei uma coleção de contos italianos, mas italianos! (*Tirando uma enorme folha de papel do bolso.*) Escolhi um dos mais divertidos, e traduzi-o para o português... Conseguirei alguma coisa? Ela aí vem.

Cena VIII

O Capitão-General e Gabriela

CAPITÃO-GENERAL - Aproxime-se minha senhora.

GABRIELA - Vossa Excelência mandou-me chamar?

CAPITÃO-GENERAL - Tenho necessidade de seus serviços...

GABRIELA - É que... Eu tomo a liberdade de confessar a Vossa Excelência...

CAPITÃO-GENERAL - O quê?

GABRIELA - Eu não gosto da leitura...

CAPITÃO-GENERAL - Tampouco eu!

GABRIELA - Tem graça.

CAPITÃO-GENERAL - Mas é o mesmo. Havemo-nos de habituar. Então, comecemos... Ali, debaixo daquele caramanchão... (*Toma-lhe a mão.*)

Dueto

CAPITÃO-GENERAL — Dê-me a sua alva mão...

Sob a folhagem escura,
proceda-me a leitura
lá no caramanchão.
É bela esta verdura;
a brisa aqui murmura

melíflua canção.

GABRIELA

Ai, vamos lá! não tema, não.
— Vossa Excelência quer que eu leia
lá, para onde me conduz?
Mande buscar uma candeia,
pois eu não posso ler sem luz.

CAPITÃO-GENERAL

— Ai! não me faça cara feia!
O que receia?

Juntos

CAPITÃO-GENERAL

— Dê-me a sua alva mão, etc.

GABRIELA

— Ó céus! que posição a minha!
Convém ter toda discrição:
cautela e caldo de galinha...
Não devo ir pro caramanchão.

(O Capitão-general quer arrastá-la para o caramanchão: Gabriela, com um gesto designa-lhe o banco de pedra. Ele inclina-se e fá-la sentar-se, conservando-se de pé.)

CAPITÃO-GENERAL

— Então, minha leitora?
Comece a dobadura!
O que vai ler é bom...

(Dizendo isto, apresenta-lhe a enorme folha de papel escrita.)

GABRIELA

— Que grande cartapácio!

CAPITÃO-GENERAL

— É lê-lo alto e bom som.

GABRIELA *(Lendo.)*

— “Um conto de Bocácio.”
Por quê, não me dirá?
Em manuscrito está?

CAPITÃO-GENERAL

— De um livro bom e decente
o traduzi literalmente.
Verá que são moral!
que conto original!
Se gostar dele, presto,
apenas em um mês,
eu lhe prometo o resto
verter pro português.
Queira pois ler o conto:
eu para ouvir ‘stou pronto.

GABRIELA (*Lendo.*) — “O Rouxinol.

Conto

I

— Lá na România, o bom país,
era uma vez um cavalheiro;
tinha uma filha, a história o diz,
dos corações o cativoiro.
Vai senão quando um mocetão
apaixonou-se da donzela,
e tanto fez o maganão,
que certa noite a nossa bela,
presa do amor no doce anzol,
disse ao papai com ar tranqüilo:
“Canta no bosque o rouxinol,
de perto já quero ir ouvi-lo...”

(Ergue-se e vai maquinalmente deixando cair o papel que o Capitão-general toma-lhe das mãos.)

Ah!ah!ah!

(Afasta-se. O Capitão-general coloca o papel diante dos seus olhos. Ela continua a ler como que sem saber o que faz.)

“Dos bosques entre a sombra,
o rouxinol cantou,
e, sob a verde alfombra,
a bela o escutou...”

JUNTOS

Dos bosques entre a sombra, etc.

(O Capitão-general apresenta-lhe de novo o papel. Ela hesita um momento e, afinal, decide-se e continua a leitura.)

II

“ O pai da moça (valha-o Deus)
como sucede em toda a história,
era um sandeu entre os sandeus
e tinha uma alma bem simplória;
eis que, porém, desconfiou,
não sei por quê, do passarinho,

e tanto fez, tanto pensou,
que ao bosque foi devagarinho...
A lua tendo por farol,
descobre o pai um desaforo:
o mavioso rouxinol
tinha um bigode espesso e louro!”

(Deixa cair o papel. O Capitão-general ergue-o e guarda-o.)

GABRIELA — Ah!ah!ah!

Dos bosques entre a sombra, etc.

CAPITÃO-GENERAL - Então, minha encantadora menina? O que diz desta história; não é tão bonita?

GABRIELA *(Perturbada.)* - Sim... Sim... mas... *(À parte.)* Fez-me medo este homem! *(Alto.)* Perdão, Senhor Capitão-general, mas não me posso demorar.

CAPITÃO-GENERAL - Pois já?

GABRIELA - Meu marido está à minha espera. *(Cumprimentando-o.)* Senhor Capitão-general! *(Dirigindo-se ao pavilhão e à parte.)* É muito arriscado semelhante emprego de leitora. *(Sai.)*

Cena IX

O Capitão-General, depois Carlos

CAPITÃO-GENERAL *(Só.)* - Foi-se... O conto produziu algum efeito. Vai tudo às mil maravilhas! *(Vendo Carlos, que chega.)* Ah! és tu, Carlitos? chegas muito a propósito...

CARLOS - Ainda bem! Em que posso ser útil a Vossa Excelência?

CAPITÃO-GENERAL - Aqui onde me vês estou contente como se me houvessem feito rei! Quero que te aproveite a minha alegria!

CARLOS - De que modo?

CAPITÃO-GENERAL - O que dirias tu, se me esquecesse do passado?

CARLOS - Como?

CAPITÃO-GENERAL - Se te perdoasse?

CARLOS - Se me...

CAPITÃO-GENERAL - Se te dissesse: casa-te, Carlitos, e nada temas.

CARLOS *-(Muito alegre.)* - Oh! que coração o de Vossa Excelência. Muito obrigado, Senhor Capitão-general! muito obrigado!

CAPITÃO-GENERAL - Só te peço em troca um pequeno serviço...

CARLOS - Um pequeno serviço?

CAPITÃO-GENERAL - Quase nada. Vais ver. (*Tomando-o pelo braço.*) Meu amigo, primeiro que tudo, convém saberes de uma circunstância: eu estou apaixonado!

CARLOS - Ah! Sim?

CAPITÃO-GENERAL - Por uma adorável mulher. Aposto que já adivinhaste quem é?

CARLOS - Não sei quem seja...

CAPITÃO-GENERAL - Pois quem há de ser senão a mulher do Manuel de Souza?

CARLOS (*À parte.*) - Gabriela!

CAPITÃO-GENERAL - Então, não tenho bom gosto?...

CARLOS (*Atônito.*) - Mas, senhor...

CAPITÃO-GENERAL - Não é linda?

CARLOS - Sim... sim... linda... (*À parte.*) Não me faltava mais nada!

CAPITÃO-GENERAL - Quanto ao serviço que te falei... aposto também que já adivinhaste de que se trata? Conto com o teu auxílio...

CARLOS - Com o meu auxílio?... E é de mim que Vossa Excelência vem exigir semelhante coisa?

CAPITÃO-GENERAL - Então, por quê?

CARLOS - De mim... de mim... que sou tão amigo de Manuel de Souza...

CAPITÃO-GENERAL - Pois bem, por isso mesmo... como tens intimidade com a família, não te custará nada deixar de quando em quando escapar um elogio... Hein? Está dito?

CARLOS - Pelo contrário! Hei de fazer o possível para frustrar os desígnios de Vossa Excelência. Ora esta! Manuel de Souza! Um amigo daquela ordem!

CAPITÃO-GENERAL - E eu não era também teu amigo?

CARLOS (*Caindo em si.*) - É verdade.

CAPITÃO-GENERAL - Já vês que...

CARLOS - Vamos lá! Vossa Excelência disse aquilo a brincar! não é capaz de semelhante atentado à honra alheia!

CAPITÃO-GENERAL - Com que calor a defendes! Parece que se trata de tua mulher!

CARLOS - Ora! Eu gosto tanto daquele Manuel de Souza!

CAPITÃO-GENERAL - E eu também; mas gosto mais de Dona Gabriela. (*Pausa.*) Decididamente não me prestas o teu auxílio?

CARLOS - desculpe, Vossa Excelência, mas não posso...

CAPITÃO-GENERAL - Pois bem! Olha, aí vem Manuel de Souza; verás que vou preparar tudo sem o teu auxílio.

Cena X

Os mesmos e Manuel de Souza

CAPITÃO-GENERAL - Capitão, vá buscar oito praças...

MANUEL DE SOUZA (*Inquieto.*) Hein?

CAPITÃO-GENERAL - E parta com eles para São Tomé. O Capitão-mor requisitou um destacamento de lanceiros contra os índios Guaicurus!

MANUEL DE SOUZA - Guaicurus! (*À parte.*) E Gertrudes vai ficar à minha espera!

CARLOS (*Inquieto e à parte.*) - Quais serão as suas tenções?

MANUEL DE SOUZA - Vossa Excelência há de permitir que lhe lembre que estou designado para comandar a patrulha que tem de rondar o palácio...

CAPITÃO-GENERAL - Não lhe dê isso cuidado... Eu substituí-lo-ei... Vá, ande.

MANUEL DE SOUZA - E Gertrudes? Hei de preveni-la por um bilheteinho. (*Sai. Começa a anoitecer.*)

CAPITÃO-GENERAL (*A Carlos.*) - Compreendes, não? Enquanto o marido é destacado para Guaicurus, eu...

CARLOS - Basta! basta! Aceito!

CAPITÃO-GENERAL - O quê?

CARLOS - Quero auxiliar a Vossa excelência. (*À parte.*) É o único meio de impedir...

CAPITÃO-GENERAL - Nada! Tarde piaste... Já te declaraste amigo do homem. És suspeito.

CARLOS - Portanto...

CAPITÃO-GENERAL - Nada! Além disso, não quero perder o direito que tenho sobre ti.

CARLOS - Mas...

CAPITÃO-GENERAL - O dito por não dito... Façamos de conta que nada houve ainda há pouco entre nós. Olha: já é noite. Adeus, Carlitos... Boa noite, hein? Muito boa noite. (*Sai.*)

Cena XI

Carlos, e depois Gabriela

CARLOS (*Só.*) - Bonito! Vejam se há criatura mais infeliz do que eu! Sabendo que basta que minha mulher seja minha mulher, para que ma queira roubar o maldito Capitão-general, faço-a passar por mulher alheia, e eis que ma querem roubar da mesma forma. Oh! não! não! Mas o que devo fazer? Só há um meio: a fuga! Consentirá ela? (*Aproximando-se do pavilhão.*) Gabriela! Gabriela!

GABRIELA (*Fora.*) - És tu, Carlitos?

CARLOS - Sim: sou eu. Vem depressa; não tardes!

GABRIELA (*Entrando.*) - Aqui estou.

CARLOS - Deus queira que ela queira! (*Correndo à esposa, que sai do pavilhão.*) Gabriela, tu amas-me, não é assim?

GABRIELA - Por quê?

CARLOS - Adoras-me?

GABRIELA - Meu amigo...

CARLOS - A tua adoração por mim não tem limites; hein? Oh! responde, responde! O que ter vou propor, só devemos propor a quem nos consagrar uma adoração sem limites...

Gb (*Muito depressa.*) - Pois bem, pois bem: a minha adoração por ti não tem limites!

CARLOS - Queres tu fugir comigo?

GABRIELA - Fugir?

CARLOS - Sim! Fugir como salteadores, no meio da noite através de mil perigos... Queres!? Oh! não me diga que não queres!

GABRIELA - Se quero! Decerto! Uma fuga foi sempre o meu ideal, um rapto o meu sonho dourado!

Dueto e Coplas

CARLOS	— Tu partirás?
GABRIELA	— Eu partirei.
CARLOS	— Seguir-me-ás?
GABRIELA	— Seguir-te-ei.
JUNTOS	— Depressa! depressa!

Fujamos, amor,
antes que apareça
qualquer maçador.
Quais negros fugidos
da vil servidão,
vivamos metidos
no meio do sertão.

CARLOS — É bem longa a viagem!
GABRIELA — Com muito gosto irei.
CARLOS — Preciso é ter coragem!
GABRIELA — Pois bem: eu a terei.
CARLOS — E se nos perseguirem?
GABRIELA — Deixá-los perseguir!
CARLOS — Meu Deus! se nos seguirem?
GABRIELA — Não hão de nos seguir.
JUNTOS — Depressa! depressa! etc.

I

GABRIELA — Que originalidade!
quem vê tal evasão
logo se persuade
que dois amantes são.
De um pai ou de um marido
feroz e destemido
fugindo pro sertão,
provavelmente vão.
Pois bem! não há tal: conhecido
que tudo fique é mister:
 é uma mulher
que vai fugir com seu marido;
 é um marido
que foge com sua mulher!
JUNTOS — É uma mulher, etc.
GABRIELA — Ninguém achar procure
novidades, porquê,
embora cheire ou fure,
de novo nada vê!
Pois neste mundo antigo,
já disse e ora redigo:
É tudo rococó,
qual meu tataravô.
Fato, porém desconhecido
venha cá ver quem quiser:
 É uma mulher, etc.
JUNTOS — É uma mulher, etc.
(No fim do dueto tem anoitecido completamente.)

CARLOS - Vamos; é noite fechada; não percamos tempo... Vou preparar tudo para a nossa partida. Entra e espera-me.

GABRIELA - Não te demores!

CARLOS - Em cinco minutos estarei de volta.

GABRIELA- Achar-me-ás pronta. (*Entra no pavilhão. Carlos sai a correr.*)

Cena XII

Gertrudes, e depois Carlos

GERTRUDES - Acabo de receber de Manuel de Souza este bilhete, no qual diz-me: “Minha pomba. Não posso, como te havia prometido, ficar no pombal esta noite. A pátria precisa do meu braço. Teu pombo, Manuel de Souza”. Aqui anda maroteira. Ai! dele, se me engana! (*Sai.*)

CARLOS (*Volta envolvido numa capa.*) - Gabriela estará pronta? (*A ronda aproxima-se.*) Ai! meu Deus! é a patrulha! E é o Capitão-general que a comanda! Ocultemo-nos... (*Oculto-se.*)

Cena XIII

Carlos, oculto, o Capitão-General, Teobaldo e rondantes

(*O Capitão-general conduz a patrulha e traz na mão uma lanterna furta-fogo.*)

Coro dos Rondantes

— Mal começa a noite
aparece a ronda;
ninguém cá se acoite,
ninguém cá se esconda.
Ofender a sã moral
que não venha algum pascácio
do Capitão-general,
no respeitável palácio,
pois quem vai para a prisão
sem mais remissão
nem apelação!

(*A ronda percorre o teatro. Ao passar defronte do pavilhão, o Capitão-general lança-lhe um olhar significativo.*)

Cena XIV

Carlos, depois Gertrudes, depois Gabriela

CARLOS - Não percamos tempo. (*Corre ao pavilhão.*) Gabriela, Gabriela, estás pronta?...

GABRIELA(*Fora.*) - Aí vou, aí vou.

GERTRUDES (*Aparecendo.*) - Parece-me que ouvi... Sim; não me engano... Está ali alguém. Oh! aquele manto! É ele, é ele! ... o que fará ali?...

CARLOS - Despacha-te.

GERTRUDES (*Consigo.*) - Com quem fala ele?...

GABRIELA (*Sai do pavilhão embrulhada em um manto, com uma trouxa na mão.*) Aqui estou, aqui estou!

GERTRUDES - Uma mulher! E tratou-a por tu! Oh! Vamos rir! vamos rir!

CARLOS - Vem! vem! (*Dirigem-se para o fundo.*)

GERTRUDES (*Pondo-se-lhes na frente.*) - Um momento...

CARLOS e GABRIELA (*Atônitos.*) - Ah!

GERTRUDES - Não me esperavam, não é assim?

GABRIELA - Mas, senhora...

CARLOS - Silêncio! Silêncio!

GERTRUDES - Apanhei-te com a boca na botija!

GABRIELA (*Querendo fugir.*) - Mas...

GERTRUDES - Aqui ninguém passa!

GABRIELA (*Escapando-se.*) Oh! Acharemos meio de escapulir!

GERTRUDES (*Tomando-lhes a passagem.*) - Aqui ninguém passa!

CARLOS -Ah! ele é isso? (*Atira-lhe a capa sobre a cabeça.* Vem, Gabriela...

GERTRUDES (*Tentando desembaraçar-se da capa.*) - Aqui-del-rei! Socorro! Aqui-del-rei!

CAPITÃO-GENERAL (*Fora.*) Que bulha é esta?...

CARLOS - Aí vem a patrulha! estamos perdidos!

Cena XV

Os mesmos, Capitão-General, Teobaldo e rondantes

CAPITÃO-GENERAL - O que há? o que há?

GERTRUDES - O que há, Senhor Capitão-general? Um escândalo, um escândalo inaudito! este senhor ia fugir com esta senhora! (*Chorando.*) Monstro! mal empregado tanto amor!

CAPITÃO-GENERAL - Vejamos! (*Alumiando o rosto de Carlos com a lanterna.*) Carlitos! (*Vendo Gabriela.*) Ela!...

TODOS - Hein?

GERTRUDES (*Estupefata.*) - Não era Manuel de Souza! (*A Carlos,*) Ah! senhor, peço-lhe mil perdões: foi um erro involuntário...

CARLOS - Vá para o diabo!

CAPITÃO-GENERAL - Ah! tu querias fugir com a mulher de um amigo daquela ordem!

CARLOS - Senhor...

GABRIELA - Deixe-me dizer-lhe, Senhor Capitão-general: este senhor me havia simplesmente oferecido o braço para darmos uma volta pelo jardim...

CAPITÃO-GENERAL - Assim vestidos! a estas horas!... e com uma trouxa!... (*Gabriela lança fora a trouxa com despeito.*) Bem! Bem! (*Baixo a Carlos.*) Por isso é que ainda há pouco a defendias com tanto calor! Querias guardá-la para ti. Muito bem! Deixa estar que eu te ensinarei...

CARLOS - Oh!

CAPITÃO-GENERAL - Teobaldo!

TEOBALDO - Pronto!

CAPITÃO-GENERAL - Manda tocar a rebate!...

TEOBALDO - Sim, Senhor Capitão-general...

CARLOS - O que vai fazer Vossa Excelência?

CAPITÃO-GENERAL - Prevenir o marido... Ele é que me há de vingar.

TODOS - O marido!... (*Toques de cornetas e tambores.*)

Cena XVI

Os mesmos, Manuel de Souza, Castelo Branco, Oficiais de Lanceiros e Lanceiros.

Final

TEOBALDO e RONDANTES — Alerta! Alerta! Alerta!

OFICIAIS E MANUEL DE SOUZA (*Aparecendo de todos os lados.*)

— Por que se me desperta?

Estou de boca aberta!...

(A cena ilumina-se.)

CAPITÃO-GENERAL (A Manuel de Souza.)

— Espada em punho, capitão!

MANUEL DE SOUZA (Desembainhando a espada.) — Cá está!

CAPITÃO-GENERAL — Sem mais hesitação

espete este sujeito!

AS MULHERES

— Ó céus!

MANUEL DE SOUZA

— Carlitos!

CARLOS

— Eu não!

CAPITÃO-GENERAL

— Espetar! espetar! espetar!

e despachar!

TODOS

— Espetar! espetar! espetar!

e despachar!

CARLOS (Desembainhando a espada.) — Espetar-me! Não é má!

MANUEL DE SOUZA — Olé! Armado está!

CAPITÃO-GENERAL (A Manuel de Souza.)

— É mais leal! Vá! Dito e feito!

‘Stá contrafeito?...

GERTRUDES (A Manuel de Souza.) — Não, não! Tu não te baterás!

MANUEL DE SOUZA — Não, não! Eu não me baterei!

GABRIELA (A Carlos.) — Não, não! Tu não te bater-te-ás!

CARLOS — Não, não! Eu não fraquejarei!

JUNTOS — Não, não { Tu } { bater-te-ás

{ } não { baterás

{ Eu } { me baterei

{ } { fraquejarei

MANUEL DE SOUZA (Com energia.)

— Não, não! Eu não me baterei!

CAPITÃO-GENERAL

— Saiba que aquele machacaz

Senhor Manuel de Souza,

raptava sua esposa!

MANUEL DE SOUZA

— Raptava minha esposa!...

TODOS

— Que cousa!....

Espetar! espetar! espetar

e despachar!

MANUEL DE SOUZA

— Ouçam lá!

Vou tudo pôr

em pratos limpos.

CARLOS (A parte.)

— Traidor!

MANUEL DE SOUZA (*Apontando a Gabriela.*)

— Eu marido não sou desta senhora,
mas sim daquela que lá está! (*Apontando para*

Gertrudes.)

CORO — Ah!

GERTRUDES (*Apontando Manuel de Souza.*) - Eis meu marido!

GABRIELA (*Apontando para Carlos.*) — Eis meu marido!

TODOS — Que trocas
baldrocas!

CAPITÃO-GENERAL — Ah! ah! ah! ah! ah!
O moço é casado!
Ah! ah! ah! ah!
Que caso engraçado!

CORO — Olaré!
Olaré!
O moço é casado!
Olaré!
Olaré!
Que caso engraçado!
Casadinho o moço é!
Ó que papel desgraçado
fazer vai, olé!...

CAPITÃO-GENERAL (*A Carlos.*) — Então querias me enganar?
Carlitos, hás de me pagar...

CARLOS — Oh! senhor, minha desventura
está em vossa mão!
Ela é tão tímida, tão pura...
ai! tende compaixão!

CARLOS e GABRIELA — Sim, compaixão!

CAPITÃO-GENERAL — Verei... verei...

CARLOS e GABRIELA — Sim, compaixão!

CAPITÃO-GENERAL — Terei... terei...

CORO (*Às gargalhadas.*) — Ah! ah! ah! ah! ah! ah!

Olaré

Olaré, etc.

CAPITÃO-GENERAL (*A Carlos*)

— Mais tarde pensaremos na vingança
agora não; como eu te prometi,
vai entre nós haver aqui
muito prazer, muita folgança...

CAPITÃO-GENERAL (*A meia voz*)
 Um dia, olé! te casarás.
 muito m'hei de rir; tu verás...

CARLOS — Mas senhor....

CAPITÃO-GENERAL — Tu verás...
 (*Aos oficiais.*) — Á f'licidade conjugal
 vamos beber deste casal!

GABRIELA (*A Carlos.*) — Fazias tanto espanto...
 tanto... tanto...
 O capitão
 é até bem folgazão!

CARLOS — Oh! muito folgazão!
 (*Alguns lacaios trazem vasos e taças.*)

CAPITÃO-GENERAL (*De taça em punho.*) Bebei do vinho do Porto;
 bebei, porque dá conforto!

TODOS — Bebei do vinho do Porto, etc.
 (*O Capitão-general oferece uma taça a Gabriela.*)

Canção

I

GABRIELA — Dizia meu tataravô
 que o casório
 é um regalório
 que nunca lhe desagradou;
 os meus bisnetos
 tataranetos
 hão de casar, bem certa estou...
 Meus folgazões!
 das libações
 o momento já se avizinha!
 Bebei! bebei!
 cantai! dizei!

Viva a formosa noivazinha!

TODOS (*Menos Carlos.*) — Viva a formosa noivazinha!

CAPITÃO-GENERAL (*A Carlos, declamando.*) — Então tu, Carlitos!

CARLOS (*Contrariado.*) — Viva a formosa noivazinha!

CAPITÃO-GENERAL (*Arremedando-o.*)
 — Viva a formosa noivazinha!

TEOBALDO, MANUEL DE SOUZA e GERTRUDES
(*Simultaneamente.*) — Viva a formosa noivazinha
GABRIELA — Olé! tirolé! lé!
É bom bom bom bom bom!
O casamento, olé!
o casamento é bom!
CORO Olé! tirolé! lé! etc.

II

GABRIELA — Dizem que a vida conjugal
— é encantadora,
— é maçadora;
é mel e fel — regra geral!
Eu tenho dito
e hoje repito
que não lhe vejo nenhum mal!
Meus folgazões
das libações
o momento já se avizinha!
bebei, bebei
cantai, dizei:
Viva a formosa noivazinha!
TODOS (*Menos Carlos*) — Viva a formosa noivazinha!
CAPITÃO-GENERAL (*A Carlos, declamando.*)
— Então não bebes! não cantas?
O que tens, meu amigo?
CARLOS (*Contrariado.*) — Viva a formosa noivazinha!
CAPITÃO-GENERAL (*Arremedando-o.*)
— Viva a formosa noivazinha!
TEOBALDO, MANUEL DE SOUZA e GERTRUDES
(*Simultaneamente.*) — Viva a formosa noivazinha
CORO — Olé! tirolé! lé!
É bom bom bom bom bom!
O casamento, olé!
o casamento é bom!

[(*Cai o pano*)]

ATO TERCEIRO

Varanda, ocupando os dois ou três primeiros planos do teatro, e separada ao fundo por ligeiras colunas de um terraço donde se vê o panorama da cidade de Porto Alegre. Portas à direita e á esquerda.

Cena I

Manuel de Souza, e soldados

(Ao erguer o pano, desponta a aurora. Os soldados estão deitados na varanda e no terraço em posições diversas. Manuel de Souza ressona em uma cadeira colocada contra a porta da direita. No fundo vela um soldado. Música na orquestra, acompanhada pelo ressonar dos que dormem. Ouve-se ao longe rufar o tambor. Alguns soldados levantam a cabeça.)

Introdução

CORO

— Plã! rataplã!
Do regimento é o tambor!
Já nos desperta o maçador!
Plã! rataplã!
É cara ter de não o ouvir
e que se dorme é já fingir.
Plã! rataplã!

(Tornam a deitar-se e desatam de novo a ressonar. Novo rufo.)

MANUEL DE SOUZA *(Acordando.)* — Plã! rataplã!

Alerta! Alerta!

É o tambor que nos desperta...

(Erguem-se todos. Os tambores entram em cena precedidos de um tambor mor. Pleno dia.)

Coro geral

— Rataplã! rataplã!
É o tambor!
Que maçador!

(No fim do coro, estão todos alinhados à boca da cena.)

MANUEL DE SOUZA (*Esfregando os olhos e espreguiçando-se.*) - Brrr! Está fresco, está. Fiz mal em dormir. Façamos a reação! (*Começa a percorrer velozmente a cena. Para em frente aos soldados e brada em voz de comando.*) Ombro armas! Apresentar armas! Isso... Desmanchar fileiras!... (*Ninguém se mexe. Manuel de Souza tira o chapéu e diz com toda cortesia.*) Os senhores fazem-me o especial obséquo de desmanchar fileiras?...

TODOS - Am... (*Dispersam-se.*)

MANUEL DE SOUZA - Hein? Que disciplina! Como obedecem! É porque eu cá não lhes dou confiança! Não vê! Eles já me conhecem!

1º SOLDADO (*Aproximando-se de Manuel de Souza e apoiando-se-lhe no ombro.*) - Diga-me cá, ó capitão.

2º SOLDADO (*Fazendo o mesmo do outro lado.*) - Ó capitão, diga-me cá.

MANUEL DE SOUZA - Então! que liberdade é esta!? (*Olhando a sorrir para eles.*) Vocês são uns grandíssimos velhacos!

1º SOLDADO - Ó capitão, faça o favor de dizer-nos por que motivo ficamos aqui de guarda durante toda a noite.

MANUEL DE SOUZA - O que vocês querem sei eu: desejam saber por que o Capitão-general, depois de haver bebido ontem à saúde do francesito e de sua cara metade, separou-os, cada um em seu quarto... É isso ou não é?

TODOS - Sim, sim!

MANUEL DE SOUZA - E nos ordenou que guardássemos as portas dos ditos quartos até nova ordem?

2º SOLDADO - É isso mesmo.

MANUEL DE SOUZA - É isso que vocês querem saber?

TODOS - Sim!

MANUEL DE SOUZA - Ora! a razão é muito simples...

TODOS (*Esperançosos.*) - Ah!

MANUEL DE SOUZA - A razão sei eu...

TODOS (*O mesmo.*) - Ah!

MANUEL DE SOUZA - Mas vocês é que não hão de saber....

TODOS (*Com despeito.*) - Oh!

MANUEL DE SOUZA - Vocês são muito novos ainda...

1º SOLDADO - Ora, meu capitãozinho, diga-nos...

TODOS - Capitãozinho, capitãozinho! (*Cercam-no.*)

MANUEL DE SOUZA - Andem lá! Vocês são os meus pecados! Pois bem! Vá lá! Vou dizer-lhes tudo: ouviram? (*Toma um soldado em cada braço, e dá alguns passos, como que dispendo-se a entabular conversação com eles.*)

Meus amigos, meus bons amigos, meus excelentes companheiros d'armas, saibam todos que o *Monsiú* Carlos...

Cena II

Os mesmos e Gertrudes

GERTRUDES (*Fora.*) - Obrigado! Não é preciso! Eu mesmo vou ter com ele...

MANUEL DE SOUZA (*Desembarçando-se dos dois soldados.*) Depressa! Cerrar fileiras! (*Enfileiram-se.*) Sentido! Ombro armas!

GERTRUDES (*Que entra com um pequeno cesto debaixo do braço, contemplando-o.*) - Como ele é bonito a comandar! (*Indo a ele.*) Manuel de Souza!

MANUEL DE SOUZA - Gertrudinhas! Estavas aí?

GERTRUDES - Sim, Manuel. Como sabes lidar com esta gente! Quem foi que te ensinou estas manobras?...

MANUEL DE SOUZA - Isto é instinto: eu tenho a bossa das armas... (*À parte.*) Sou muito boçal... sou... (*Alto.*) Além disso não dou confiança a esta gente. Vê tu lá que disciplina! Faz gosto, hein, Gertrudinhas?... (*Voltando-se, vê que estão todos debandados.*) Então?... Cerrar fileiras!... (*Ninguém se mexe.*) Cerrar fileiras!... (*Com cortesia.*) Meus senhores, fazem-me o especial obséquio de cerrar fileiras?... (*Enfileiram-se.*) Estás vendo? E agora ... Meia volta à esquerda... não! quero dizer à direita... à... Ora! meia volta à direita ou onde muito bem quiserem. Volver! Ordinário, marche! (*Desfilada; passo redobrado. Os soldados saem depois de haverem desfilado.*)

MANUEL DE SOUZA (*Ao fundo, satisfeito, vendo-os sair.*) Isto é que é vida! Isto é que é vida!

GERTRUDES - Aqui te trago o almoço.

MANUEL DE SOUZA - Quem o traga sou eu. (*Gertrudes tira do cesto um bolo e uma pequena cafeteira.*) Quanto és boa, Gertrudinhas!

GERTRUDES - Toma, bebe...

MANUEL DE SOUZA (*Comendo.*) - Estou te desconhecendo, Gertrudinhas! essa ternura não é natural em ti... Aposto que queres me pedir alguma coisa?

GERTRUDES - Apostas muito bem...

MANUEL DE SOUZA - Ah! eu cá sou muito perspicaz! Vamos lá! O que temos?

GERTRUDES - Manuel de Souza, quero voltar para a estância contigo... Faz idéia como andará aquilo, entregue, como está, em mãos alheias.

MANUEL DE SOUZA - Homem! já não me lembrava que, antes de ser capitão, era estancieiro!

GERTRUDES - Além disso, tu aqui corres muito risco...

MANUEL DE SOUZA - Eu?...

GERTRUDES - Sim. Tu és um rapaz bonito... (*Manuel vai protestar, Gertrudes grita.*) Não me digas o contrário! És um bonito rapaz... Em Porto Alegre as mulheres dão o beicinho pelos militares... Enfim, Manuel de Souza, tenho medo... tenho medo...

MANUEL DE SOUZA - Ora o que te havia de lembrar?!

GERTRUDES - Não fiques, sim?

MANUEL DE SOUZA - Mas...

GERTRUDES - Recusas! Tens então motivo para ...

MANUEL DE SOUZA - Pois, Gertrudinhas, queres que eu parta a minha espada?

GERTRUDES - Preferes partir-me o coração?

MANUEL DE SOUZA - Pois bem! parto.

GERTRUDES - Partes-me o coração?

MANUEL DE SOUZA - Não! Parto, isto é, vou-me embora!

GERTRUDES - Oh! ainda bem!

MANUEL DE SOUZA - Mas olha que isto tem suas formalidades, hein? Eu não posso arredar pé daqui sem licença do Capitão-general.

GERTRUDES - Hei de pedir-lhe a tua baixa; expor-lhe-ei minhas razões. Anda daí.

MANUEL DE SOUZA - Qual anda daí nem meio anda daí. Eu não posso arredar-me...

GERTRUDES - De quê?

MANUEL DE SOUZA - De quê, meu anjo? da guarda! E o meu dever de soldado? Pois não sabes que estou de serviço? (*Põe-se a percorrer a cena.*)

GERTRUDES - Mas...

MANUEL DE SOUZA - Passe de largo!

GERTRUDES - Meu Deus! que rigor! (*Pausa. Manuel percorre a cena. Gertrudes põe-se a imitá-lo, subindo quando ele desce e vice-versa.*) É verdade... Ainda ali está metida aquela pobre moça... E quando me lembro que sou eu a culpada....

MANUEL DE SOUZA - Se não fosses tão ciumenta...

GERTRUDES - Pobrezinha! Como deve ter sofrido! Para nós, mulheres, o amor é sofrimento.

MANUEL DE SOUZA - Bravo! Gostei! Continue! (*À parte.*) Dá-lhe às vezes para isto!.

Cena III

Os mesmos e Castelo Branco

CASTELO BRANCO (*Entrando.*) - Minha filha! Onde está a rapariga?... (*A Manuel de Souza.*) É ali o seu aposento, senhor capitão?

MANUEL DE SOUZA - Sim, mas não pode entrar, Senhor Morgado.

CASTELO BRANCO - Chame-me antes Capitão-mor.

MANUEL DE SOUZA (*Emendando.*) - Senhor Capitão-mor.

CASTELO BRANCO - Homem! Às nove horas! Enfim! Ora imaginem que ontem, no momento em que todos se retiravam, achamo-nos separados, não sei como, nem como não... Eu queria despedir-me dela, pois pretendia partir hoje muito cedo... Sosseguei, porque, enfim, a rapariga estava sob salvaguarda do seu marido!

GERTRUDES e MANUEL DE SOUZA - Hein? Ele não sabe de nada!

CASTELO BRANCO - Agora, porém, já são mais que horas de... (*Chamando.*) Gabriela? Ó rapariga, olha que são horas!

MANUEL DE SOUZA - Silêncio! Passe de largo!

GABRIELA (*Fora.*) - Ah! papai!... papai!... Abra!

CASTELO BRANCO - Como?!...

GABRIELA (*Fora.*) - Estou aqui fechada!

CASTELO BRANCO - Fechada! A rapariga fechada!

MANUEL DE SOUZA - Sim, senhor Morgado...

CASTELO BRANCO - Chame-me antes Capitão-mor.

MANUEL DE SOUZA - Sim, senhor Capitão-mor. (*Baixo.*) E sozinha...

CASTELO BRANCO - Sozinha! Esta agora! E o marido?

MANUEL DE SOUZA - Ah! O marido anda por outra freguesia.

CASTELO BRANCO - Como por outra freguesia?...

GERTRUDES - O marido passou a noite em outro quarto.

CASTELO BRANCO - Hein?...

GERTRUDES - O Capitão-general foi que assim quis!

CASTELO BRANCO - O Capitão-general?!

GABRIELA (*Fora.*) Papai!

CASTELO BRANCO - Já vou, já vou! Não insistas, rapariga! (*A Manuel de Souza.*) Então solta-se ou não a pequena?
GERTRUDES - Aquilo corta o coração... Vou abrir a porta...
MANUEL DE SOUZA - Mas é que...
GERTRUDES - Ora! Se está preso o marido, que inconveniente pode haver em soltar a mulher? (*Abrindo a porta da direita.*) Vamos... saia... (*Gabriela sai triste, com os olhos pisados.*)

Cena IV

Os mesmos e Gabriela

CASTELO BRANCO - Minha filha!
GABRIELA - Ah! papai, papai! Eu sou muito caipora!
CASTELO BRANCO - Então o que há?...
GABRIELA - Se papai soubesse... Ora, ouça.

Quarteto

GABRIELA — Naquele quarto entrei sozinha,
supondo que lá fosse ter
o meu amor logo à noitinha,
porque assim costuma ser.

GERTRUDES — Costume ser...

CASTELO BRANCO e MANUEL DE SOUZA — Costume ser...

GABRIELA — O pranto meu correu a fios,
por semelhante ingratidão...

GERTRUDES — Ela ficou a ver navios...
que decepção!

CASTELO BRANCO e MANUEL DE SOUZA — Que decepção!

GABRIELA — A hora passou...

GERTRUDES — A hora passou...

GABRIELA — E meu amor não se chegou!

GERTRUDES — E seu amor não se chegou!

GABRIELA — Ah! não tem jeito!

JUNTOS — Ah! é mal feito!
Não faz-se isto a ninguém!
Ah! não tem jeito!
Qual jeito! qual jeito!
Qual! Jeito não tem!

GABRIELA — Cansada, enfim, de ver navios
não tendo com que me entreter,
de um sofá nos coxins macios
eu procurei adormecer.

GERTRUDES — Adormecer...

CASTELO BRANCO e MANUEL DE SOUZA — Adormecer...

GABRIELA — Na minha funda mágoa imersa
o sono meu fugir eu vi.

GERTRUDES (*A Manuel de Souza.*)
— Hein? foi por causa bem diversa
que eu não dormi...

MANUEL DE SOUZA — Que eu não dormi...

GABRIELA — A hora passou, etc.

CASTELO BRANCO - Vamos, vamos! Não te aflijas tanto! Teu
marido é impossível que esteja perdido! Havemos de achá-lo!

GABRIELA - Confundi-lo

CASTELO BRANCO - Repreendê-lo!

GABRIELA - Repreendê-lo!

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga! Vem, vem comigo!
Pobre pequena! é mesmo muito caipora!

GABRIELA - Muito...

CASTELO BRANCO - Não insistas... (*Saem.*)

Cena V

Gertrudes, Manuel de Souza, depois o Capitão-General e Teobaldo

GERTRUDES - Veja, Manuel de Souza! Mire-se naquele espelho!
Aquilo sim; aquilo é que se chama de amor, afeição, dedicação, resolução...

MANUEL DE SOUZA - E tudo que acaba em ão.

GERTRUDES - Você era lá capaz de andar à minha procura, se me
houvesse perdido?

MANUEL DE SOUZA - Ora, pois julgas... (*À parte.*) Seria preciso que
me houvesse perdido também o juízo!

CAPITÃO-GENERAL (*Entra seguido por Teobaldo que traz uma
ruma de livros.*) - Deita tudo isto cá, Teobaldo...

TEOBALDO - Sim, Senhor Capitão-general! (*Depõe os livros e sai.*)

Cena VI

Os mesmos, menos Teobaldo, depois Carlos

MANUEL DE SOUZA - O Capitão-general... (*Encaminha-se para ele, e cumprimenta.*) Senhor...

CAPITÃO-GENERAL - Viva! viva! Traga-me cá o Carlitos.

MANUEL DE SOUZA - É já...

GERTRUDES (*Baixo a Manuel.*) - Boa ocasião para pedir-lhe a tua baixa. (*Indo ao capitão.*) Preciso muito falar a Vossa Excelência.

CAPITÃO-GENERAL (*Preocupado.*) - Mais tarde.

GERTRUDES - A respeito de meu marido...

CAPITÃO-GENERAL - Não tenho tempo agora...

GERTRUDES (*Seguindo-o.*) - Ele anda doente, e este serviço continuado...

CAPITÃO-GENERAL - Já lhe fiz ver que não tenho tempo agora... (*A Manuel de Souza.*) Vá buscar o homem!

GERTRUDES (*À parte.*) - Fica para outra vez... (*Manuel de Souza abre a porta da esquerda.*)

CARLOS (*Saindo, a Manuel de Souza.*) Ah! Meu amigo, o que se tem passado aqui? Onde está minha mulher? O que me contas de novo?...

MANUEL DE SOUZA - Cala-te! Olha o Capitão-general!

CARLOS - Oh!

CAPITÃO-GENERAL - Deixem-nos sós.

GERTRUDES (*À parte, saindo com Manuel de Souza*) - Fica para outra vez! (*Saem.*)

Cena VII

O Capitão-General e Carlos

(*Momento de silêncio. O Capitão-general, a esfregar as mãos, passeia em redor de Carlos, que o examina inquieto, de soslaio.*)

CAPITÃO-GENERAL (*Cantarolando.*) - Um dia, olé! te casarás!...

CARLOS (*À parte.*) - Parece estar satisfeito...

CAPITÃO-GENERAL (*O mesmo.*) - Um dia, olé... (*Momento de silêncio.*)

CARLOS (*À parte.*) Oh! meu Deus! dar-se-á caso que... Eu tremo...

CAPITÃO-GENERAL (*Parando.*) - Bom dia, Carlitos; como passaste a noite?

CARLOS - Mas...

CAPITÃO-GENERAL - Eu passei muito bem, muito bem...

CARLOS - Meu Deus!

CAPITÃO-GENERAL - Está tranqüilo... Não é ainda o que supões!

CARLOS (*Suspirando.*) - Ah!

CAPITÃO-GENERAL - Mas deixa estar, deixa estar... Isso há de ser um dia... não tenho pressa...

CARLOS (*Vivamente.*) - Nem eu...

CAPITÃO-GENERAL - À noite passada refleti maduramente sobre o caso, já tenho o meu plano.

CARLOS - Ah!

CAPITÃO-GENERAL - Vou continuar da mesma maneira que encetei... Vê estes livros?

CARLOS - Sim. Vejo.

CAPITÃO-GENERAL - Tua mulher os lerá um por um, sentada ao meu lado...

CARLOS - Todos?!

CAPITÃO-GENERAL - Todos e outros muitos. Minha biblioteca é imensa! Afinal de contas, terás uma mulher ilustrada...

CARLOS - Muito ilustrada! Oh! mas como estou prevenido, defender-me-ei.

CAPITÃO-GENERAL (*Arremedando.*) - Defender-me-ei!... Tem graça! pois já não te fiz ver que o meu plano está feito?... Naquele tempo (lembras-te) eu não me defendi... de nada sabia... Já vêes que convém restabelecer o equilíbrio. (*Chamando.*) Teobaldo! (*Teobaldo aparece.*) Vai buscar o Capitão Manuel de Souza!

TEOBALDO - Sim, Senhor Capitão-general. (*Sai.*)

CARLOS - O que vai Vossa Excelência fazer?

CAPITÃO-GENERAL - Vais ver... Trata-se de restabelecer o equilíbrio...

Cena VIII

Os mesmos, Manuel de Souza e Gertrudes

GERTRUDES (*Correndo, ao Capitão-general.*) - Vossa Excelência mandou-nos chamar? Foi sem dúvida para ouvir o que tenho para dizer a Vossa Excelência. É a coisa mais simples desta vida, Senhor Capitão-general: meu marido...

CAPITÃO-GENERAL - Não se trata disso...

GERTRUDES (*À parte.*) - Fica para outra vez.

CAPITÃO-GENERAL (*A Manuel de Souza.*)- Capitão, leve este senhor ao pavilhão amarelo, onde o guardará à vista até nova ordem.

CARLOS - Preso!

CAPITÃO-GENERAL - Não faças disto um bicho-de-sete-cabeças.

Aquilo não é uma prisão, é um ninho. (*A Manuel de Souza.*) - Vá!...

MANUEL DE SOUZA - Mas Senhor Capitão-general, é que...

CAPITÃO-GENERAL - O quê?

MANUEL DE SOUZA - Minha mulher...

GERTRUDES - Deixa-me falar! Excelentíssimo Senhor, eu sou um pouco ciumenta. meu marido teve um passado tempestuoso!

MANUEL DE SOUZA - Tu exageras, Gertrudinhas!

GERTRUDES - Cala-te, escalda-favais!

CAPITÃO-GENERAL - E então?

GERTRUDES - O que mais me incomoda é a história do retrato. Havia nesta cidade uma sujeita por quem ele andou apaixonado, não duvido que ela ainda esteja em Porto Alegre...

CAPITÃO-GENERAL - E?...

GERTRUDES - E, para evitar um encontro, quero carregar daqui o meu Manuel de Souza! Assim, pois peço a Vossa Excelência que lhe mande dar baixa..

CAPITÃO-GENERAL - Por enquanto seu marido me faz muita falta. Mais tarde falaremos...

GERTRUDES - Mas...

CAPITÃO-GENERAL - Basta!

GERTRUDES (*À parte.*) - Fica para outra vez.

CAPITÃO-GENERAL - Capitão, cumpra as minhas ordens. (*Sai.*)

MANUEL DE SOUZA - Sim, senhor. (*Indo a Carlos, rindo-se.*) - Ah! ah! ah! ah! Pobre Carlos ! O caso não é para rir, porque enfim és muito meu amigo, mas... Ah! ah! ah! não posso... (*A Gertrudes, sério.*) É muito meu amigo!

GERTRUDES (*Não podendo conter o riso.*) - Ah! ah! ah! é muito teu amigo.

CARLOS (*Despeitado.*) - Muito riso, pouco siso...

MANUEL DE SOUZA - Ah! ah! ah! meu amigo... Dá cá a tua espada. Gertrudinhas, dá-lhe o braço... (*Gritando.*) - Meia volta à esquerda! Não, não! Como quiserem! Vamos! (*Gertrudes toma um braço e Manuel de Souza e levam Carlos às gargalhadas.*)

Cena IX

O Capitão-General, depois Gabriela e Castelo Branco

CAPITÃO-GENERAL (*Só.*) - Vai tudo às mil maravilhas!

GABRIELA (*Aparecendo com o pai.*) - Venha, papai! Meu pobre maridinho preso! Oh! hão de mo restituir, olé!

CAPITÃO-GENERAL - Ei-la!

GABRIELA - O Capitão! (*Ao pai.*) Vai ver como lhe falo!

CAPITÃO-GENERAL (*À parte.*) - É agora! (*Alto.*) Minha amável leitora...

GABRIELA (*Ao pai.*) - Já não me atrevo...

CASTELO BRANCO - Anda, desembucha.

GABRIELA (*Timidamente.*) - Preciso falar a Vossa Excelência.

CAPITÃO-GENERAL - Já sei o que vem me pedir. É inútil! Está preso, e preso ficará!

GABRIELA - Oh! ,meu pobre maridinho! Quero-lhe tanto! É tão lindo, tão terno, tão generoso... (*Mudando o tom.*) Por que Vossa Excelência mandou prender?

CAPITÃO-GENERAL - Porque... porque havia motivos.

GABRIELA - Mas que motivos?...

CAPITÃO-GENERAL - Isso é que não lhe direi!

GABRIELA - E se eu pedisse a Vossa Excelência que esquecesse desses motivos?

CAPITÃO-GENERAL - É impossível!

GABRIELA - Impossível!

CASTELO BRANCO (*Baixo.*) - Insiste, rapariga, insiste!

GABRIELA - Se suplicasse de mãos postas...

CAPITÃO-GENERAL - Não! não!

CASTELO BRANCO (*Como acima.*) - Insiste, rapariga, insiste.!

GABRIELA - Meu bom Capitão-generalzinho!

CAPITÃO-GENERAL (*À parte.*) Hein?

GABRIELA (*Com as mãos nos ombros do Capitão-general.*) - Dá-me o meu maridinho, sim?

CASTELO BRANCO (*Colocando-se ao lado do Capitão-general.*) - Então? Faça a vontade da rapariga! (*Dá-lhe uma cotovelada. O Capitão-general encara-o com severidade.*) Oh! Perdão!

CAPITÃO-GENERAL (*A Gabriela.*) - Não posso, não posso! Só dando-me... (*Filando-a.*) uma compensação...

GABRIELA - Uma compensação? Então quer Vossa Excelência que eu lhe dê uma compensação?...

CAPITÃO-GENERAL - Sim...

GABRIELA - É que... (*Tendo uma idéia.*) Ah! achei!

CAPITÃO-GENERAL (*Vivamente.*) - Deveras?

GABRIELA - Decerto... a tal propriedade de papai, que tira a vista do rio a Vossa Excelência.

CASTELO BRANCO - O meu cochicholo!

GABRIELA - Dou-lhe em troca da liberdade de meu marido.

CAPITÃO-GENERAL (*Desapontado.*) - Ora!

CASTELO BRANCO - Mas o que é lá isso? O cochicholo! Não insistas, rapariga!

GABRIELA (*Ao Capitão-general.*) - Então está dito?

CAPITÃO-GENERAL - O cochicholo... É que... não digo que...

GABRIELA (*Afagando-o.*) - Oh! como eu agradecerei a Vossa Excelência...

CAPITÃO-GENERAL (*Comovido, à parte.*) - Então? A pequena não me está entendendo? (*Alto.*) Não é essa a compensação...

GABRIELA - Pois não é essa?... (*Quase a chorar.*) Não vejo mais nada...

CAPITÃO-GENERAL (*Levando-a a parte.*) - Pois bem... ei quero... eu que...

GABRIELA (*Fitando-o com simplicidade.*) - O quê?

CAPITÃO-GENERAL (*Vencido pelo olhar da moça.*) - Não! Seria um sacrilégio! É tão inocente! (*Alto.*) Nada, nada, minha filha, nada quero. (*Chamando.*) Ó Teobaldo.

TEOBALDO (*Aparecendo.*) - Excelentíssimo..

CAPITÃO-GENERAL - Mandem que ponham o Senhor Carlos em liberdade e tragam-no cá.

GABRIELA (*Alegre.*) - Ah!

CAPITÃO-GENERAL - Vê? Satisfaço seu pedido... Mas imponho uma condição...

GABRIELA - Qual?

CAPITÃO-GENERAL - Há de jurar-me que não dirá a seu marido o meio que empregou para obter a liberdade dele.

GABRIELA - Juro!

CAPITÃO-GENERAL (*À parte.*) - A pequena desarmou-me... Mas as aparências vingar-me-ão! (*Alto.*) Então? Agora estás bem comigo?...

GABRIELA (*Muito alegre.*)- Pudera não!
CAPITÃO-GENERAL - Seremos amigos! Venha de lá um abraço!
GABRIELA - Com mil desejos! (*Salta ao pescoço do Capitão-general e abraça-o; neste momento, Carlos aparece ao fundo.*)

Cena X

Os mesmos e Carlos

CARLOS - Ah!
CAPITÃO-GENERAL (*Com Gabriela ainda nos braços.*) - Meu amigo, chegaste muito a propósito. Tenho uma excelente nova a dar-te: estás livre, absolutamente livre!
CARLOS (*Aterrado.*) - Ah! estou livre...
CAPITÃO-GENERAL - Não te fiz esperar muito tempo... Então, não vais abraçar tua mulher?
GABRIELA (*Indo a ele.*) - Meu amigo...
CARLOS (*Repelindo-a e descendo à direita.*) - Não! não!
GABRIELA (*Surpresa.*) - Como!
CAPITÃO-GENERAL (*Indo a Carlos.*) - Meu Deus! com que cara estás tu!

Coplas

— Ter um marido essa cara
em plena lua de mel,
na verdade é coisa rara!
Faz um ridíc'lo papel!
Porventura arrependido
do casamento estarás?
Esse todo aborrecido
de todo mostra que estás.

Porém tu, não tens motivo:
sem adulação
ela tem, maganão...
maganão... maganão...
milhares de atrativos!...

II

Aqui, que ninguém nos ouve,

namoradeira ela é;
mas, não sei se alguém já houve
que fizesse aqui filé.
Tem paciência, meu caro,
pois que muito vale, crê,
ver certas coisas a claro
e fazer que se as não vê.

Mas não sejas vingativo:
sem adulação, etc.

CAPITÃO-GENERAL - Bem. Eu deixo-te, meu bom Carlitos. Até logo! (*A Gabriela.*) Até logo, minha senhora. (*Rindo.*) Ah! Ah! Ah! (*Saindo.*) Maganão...

Cena XI

Gabriela, Carlos e Castelo Branco

(*Carlos está desviado dos mais, sombrio e abatido.*)

CASTELO BRANCO (*Indo a ele.*) - Estou-o estranhando, senhor meu genro! Vossa Mercê devia estar alegre...

CARLOS - Alegre eu!

GABRIELA (*Indo a ele.*) - Agora que o Capitão-general já cá não está, abraça-me!

CARLOS - Abraça-la! tinha graça!

GABRIELA (*Aflita.*) - Oh! papai!... papai! Ele não me quer abraçar!

CASTELO BRANCO - Pois não insistas, rapariga. (*A Carlos.*) Vossa Mercê é um ingrato. Saiba que a ela é que deve a graça que acaba de obter!

CARLOS - Mas foi com a minha desgraça que se pagou semelhante graça! Abraça-la! Tinha graça!

GABRIELA (*Ao pai.*) - Então, ele já sabe do cochicholo...

CASTELO BRANCO - Provavelmente foi o ajudante de ordens que lho disse.

GABRIELA - Pois bem! já que sabe de tudo, diga-me: não foi uma boa idéia?

CASTELO BRANCO - Sim?

CARLOS (*Levantando as mãos para o céu.*) - Uma boa idéia. Que cinismo!

CASTELO BRANCO (*A Gabriela.*) - Vês? está contrariado! A culpa foi tua... Eu bem te disse: Não insistas, rapariga... Devias consultá-lo...

GABRIELA - Pois preferias ficar na prisão por amor de uma insignificância?

CASTELO BRANCO - E deixe dizer-lhe: ele já estava um tanto estragado, velho, sujo...

CARLOS - É o requinte do cinismo!

GABRIELA - Vamos lá! A intenção era boa... Só debes olhar para a intenção... (*Com meiguice.*) Então, meu queridinho?...

CARLOS (*Desabridamente.*) - Eu não sou seu queridinho!...

CASTELO BRANCO (*À parte.*) - Palavra d'honra! Nunca o supus tão agarrado ao dinheiro! (*Alto, a Gabriela.*) Não insistas, rapariga!

GABRIELA - Isto não tem jeito!

Coplas

— Para livrar-te de medonha
prisão, astúcias empreguei,
e tu me fazes carantonha...
qual a razão? Não sei... não sei...
Pois debes estar satisfeito!
quem mais fará por ti? Ninguém!
Anda lá, foi pra teu bem
que fiz o mal que já 'stá feito.

Deixe estar que te ensinarei...
Eu nada mais por ti farei!

II

Os bens que eu trouxe em casamento
menos valor, bem sei, vão ter;
porém nem todas, rabugento,
mesmo esse pouco hão de trazer.
Ó céus! que cara enfarruscada!
Ó céus! que olhar feroz! feroz!
Não tens razão, pois, entre nós,
o mal que eu fiz não vale nada...

Deixe estar que te ensinarei
Eu nada mais por ti farei!

GABRIELA (*Vendo que Carlos está calado.*) - Então, não me dizes nada?...

CASTELO BRANCO - Deixa-o lá rapariga... não insistas, não insistas... vem para junto de teu pai...

CARLOS - Oh! pode-a levar para sempre! Restituo-lha!

GABRIELA - Hein?

CASTELO BRANCO - Restitui-ma!

GABRIELA - Como? Por causa de uma bagatela?

CARLOS (*Amargamente.*) - Sim, minha senhora, por causa de uma bagatela.

GABRIELA (*Aflita.*) - Ah! papai!

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga! (*A Carlos com dignidade.*) - Está bem, tomo conta outra vez da minha filha... Seu velho pai cá está para ampará-la... Coragem, Gabriela, coragem!

GABRIELA (*Com esforço.*) - Hei de tê-la, papai, hei de tê-la! Adeus, senhor...

CARLOS (*Secamente.*) - Adeus! (*Sobe a cena e dirige-se à esquerda.*)

CASTELO BRANCO Meu genro... quero dizer: senhor, eu não o cumprimento, ouviu? Vamos rapariga! (*Sai. Gabriela vai para sair também, mas deixa-se cair em uma cadeira e desata a chorar. Carlos, que tinha parado no fundo, volta-se e dá com ela.*)

Cena XII

Gabriela e Carlos

CARLOS (*Voltando, à parte.*) - Ela chora...

GABRIELA (*Vendo-o.*) - Ele! Oh! Não quero que veja estas lágrimas! (*Passando diante de Carlos, enxuga os olhos vivamente.*)

Dueto

CARLOS — Tu choras, meu amor?!

GABRIELA — Não choro, não, senhor...

e se chorar, oh! não se importe!

CARLOS — Queres em vão parecer forte!

Tu choras, meu amor...

GABRIELA — Chorar! Eu? Não, senhor.

CARLOS — Chorando me desarmas!

de ti quero fugir,

porém a essas armas

não posso resistir!

Juntos

CARLOS — Chorando me desarmas! etc.
GABRIELA — As lágrimas são armas
que devo lhe encobrir...
Convém não avistar-mas,
pois quero resistir!
Por que tamanha inquietação?...
Veja, senhor: não choro, não!

CARLOS — Mas...

GABRIELA — Quê...

CARLOS — Estás bem certa disso?

GABRIELA — O pranto meu não desperdiço.

CARLOS — Com que então,
não choras, não?

GABRIELA — Chorar! Por quem? Por ti? Oh! tinha graça...
Dar pranto e receber ingratidão.
Choramingar! Ai! que chalaça!
Não, não, senhor, não choro não!

CARLOS (*Vivamente.*) — Tu choras!

GABRIELA (*Fracamente.*) — Eu não choro, não.

CARLOS — Tu choras!

GABRIELA (*Mais fracamente.*) — Eu não choro, não.

CARLOS — Tu choras!

GABRIELA (*Desatando a chorar.*) — Eu não choro, não...

Juntos

CARLOS — Chorando me desarmas, etc.

GABRIELA — As lágrimas são armas, etc.

CARLOS - Gabriela!

GABRIELA - Carlos!

CARLOS - Jura que não me enganaste!

GABRIELA - Enganar-te eu! Pois supuseste!...

CARLOS - Sim. sim! Não é possível! Onde tinha eu a cabeça?! É que
este perdão dado de repente... Dize como o obtiveste.

GABRIELA - Não posso...

CARLOS (*Mudando de tom*) - Não podes?

GABRIELA - Fiz um juramento...

CARLOS - Não ousas confessar! Já não duvido de coisa alguma! Tenho plena certeza de tudo!

GABRIELA - Então, meu queridinho!

CARLOS - Cale-se!... Eu não sou seu queridinho! Deixe-me! deixe-me! Eu enlouqueço, meu Deus! (*Deixa-se cair em uma cadeira à direita.*)

GABRIELA (*Fazendo o mesmo em outra cadeira à esquerda.*) - Afinal de contas, o que lucro eu com o haver feito sair da prisão?

Cena XIII

Os mesmos e o Capitão-General

CAPITÃO-GENERAL (*A Carlos.*) - Então o que é isto, Carlitos? Ainda arrufados?

CARLOS (*Erguendo-se.*) - Ah! Vossa Excelência não me dirá?...

CAPITÃO-GENERAL - Não te direi absolutamente nada. És muito curioso!

GERTRUDES (*Fora.*) - O Senhor Capitão-general! Onde está o Senhor Capitão-general?

CAPITÃO-GENERAL - Que bulha é esta?

Cena XIV

Os mesmos, Getrudes, Manuel de Souza, Teobaldo, Castelo Branco, Oficiais de lanceiros e soldados.

GERTRUDES (*Aparece ao fundo trazendo Manuel de Souza arrastado e seguida por todos.*) - Ah! ei-lo ali! Venha! venha!

MANUEL DE SOUZA - Mas, Gertrudinhas...

GERTRUDES - Cale-se! (*Ao Capitão-general.*) Agora, Excelentíssimo Senhor, não pode ficar para outra vez! Ela cá está!

CAPITÃO-GENERAL - Ela quem?

GERTRUDES - Ela, a original do retrato.

CAPITÃO-GENERAL - Então, deve ser ele! Ela o original! É original!

GERTRUDES - A amante de meu marido! Ainda não há dois minutos, passando por uma das salas do palácio, vi pendurado á parede... O quê? O mesmo retrato em ponto grande... Tal e qual este, Excelentíssimo Senhor. (*Tira o retrato da algibeira e mostra-o.*)

CAPITÃO-GENERAL (*Olhando, dá um grito.*) - Que vejo! (*Á parte.*) Minha mulher! (*Vendo Manuel de Souza.*) Vamos! Decididamente a defunta

não merecia a minha vingança. (*Alto a Carlos.*) Carlitos, podes abraçar tua mulher, dou-te minha palavra de honra...

CARLOS e GABRIELA - Oh! (*Abraçam-se.*)

CARLOS (*Baixo a Gabriela.*) - Mas o perdão? Como o obtiveste?

GABRIELA - Dei-lhe o cochicholo de papai.

CAPITÃO-GENERAL (*A Gertrudes.*) - Pode carregar com seu marido.

GERTRUDES - Ah! Manuel de Souza!

CAPITÃO-GENERAL - Está terminada a comédia. (*A Gabriela.*)

Minha senhora, compete-lhe cantar o *couplet* final.

GABRIELA - Mas, Senhor Capitão-general...

CASTELO BRANCO - Não insistas, rapariga!

GABRIELA (*Ao público.*)

Ai! que vidinha! que vidão!

com meu marido

estremecido

agora eu vou ter, verão!

Somente resta

no fim da festa,

saber se a peça agrada ou não...

É pois mister

que eu, a tremer,

vos fale e peça o que vos peço:

mil palmas sai,

assegurai

À *Casadinha* um bom sucesso!

TODOS (*Simultaneamente.*)

À *Casadinha* um bom sucesso!

GABRIELA — Olé! tirolé! lé!

é bom bom bom bom

O casamento, olé!

TODOS

— Olé! tirolé! lé!, etc.

[*(Cai o pano)*]

FIM